

13-3-116

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1925

N.º 2

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Redactor-director:

Largo do Arouche, 62

Prof. J. Pinto e Silva

SUMMARIO:

A Revista Escolar.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Uma aula de leitura. 2 — Arithmetica. 3 — Zoologia. 4 — Systema-metrico. 5 — Geographia. 6 — Educação civica. 7 — Geometria. 8 — Linguagem escrita. 9 — Botanica. 10 — Historia-patria. 11 — Geographia.

PEDOLOGIA: 1 — Estudo experimental da criança. 2 — A imaginação e suas variedades na criança. 3 — Evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — Palmeiras. 2 — A borracha. 3 — Os olhos. 4 — O cão. 5 — A canna de assucar. 6 — O asseio e o vestuario. 7 — O carneiro. 8 — O milho. 9 — O café. 10 — O feijão. 11 — A banana.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo. 2 — A interrogação na escola primaria.

LITERATURA INFANTIL: 1 — Decisão inesperada. 2 — O éco. 3 — Tentação. 4 — Heroismo dum criado. 5 — A volta das andorinhas. 6 — As rosas de Mimi. 7 — O cavallo. 8 — A bolsa. 9 — O pretencioso. 10 — Marco Polo. 11 — Os bohemios.

ESCOTISMO: 1 — O escotismo nas escolas.

QUESTÕES GERAES: 1 — Educação moral e civica. 2 — Palestras sobre ensino. 3 — Escolas disciplinares.

PELAS ESCOLAS: 1 — Nossos programmas de ensino. 2 — Festas escolares.

NOTICIAS: 1 — Grupo-Escolar de S. João. 2 — Cidades mais populosas de S. Paulo. 4 — Novos grupos escolares. 4 — Vultos e factos. 5 — Musicas e cantos escolares.

SECRETARIA DO INTERIOR: Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1925

118

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCAO PUBLICA

ANNO I || S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1925



A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — fevereiro — 1925.

Como sóe acontecer, todas as creações ou instituições humanas, no seu primeiro surto, no seu inicio, nessa phase incipiente, não pódem fugir á lei do errare humanum est. E este principio, nem por sedição, jámais perdeu o cunho de verdade que o caracteriza. Pelo contrario, refórça-o um outro que se lhe incorpora, não só como uma consequencia natural, sinão como sua parte integrante: é o que, com a denominação de necessitas errandi, foi proclamado por Seneca.

Na verdade, não poderíamos conceber por outra fôrma as manifestações da nossa actividade, já do ponto de vista subjectivo, já do objectivo. O contrario, seria querer negar a evidencia da razão quanto aos phenomenos por esta constatados — phenomenos de cuja constancia, si bem que no meio de sua variedade, ella deduz leis, qual a acima referida; o contrario, seria um verdadeiro absurdo. Seria ainda querer expulsar do espirito o ideal — esta aspiração da perfectibilidade, que todo homem deve cultivar, mourejando sempre, para delle se approximar, certo, não padece duvida, de jámais chegar a realizal-o, mas conscio também de, ao seu influxo altamente suggestivo e benefico, alguma coisa de util poder conseguir, não só em beneficio proprio, como em pról da collectividade.



Estas singelas considerações que, com alguma justiça, podem sêr applicadas á "Revista Escolar," absolvem-n-a, ao mesmo tempo, das deficiencias e lacunas que, porventura, tenha apresentado.

Entretanto, o esforço, a tenacidade e a perseverança hão de conseguir remover-lhe o mal; hão de melhoral-a e aperfeiçoal-a, de modo a poder ella cumprir o seu programma respeito ao ensino publico entre nós. A observação e a experiência lhe irão, a pouco e pouco, afastando essas deficiencias, preenchendo essas lacunas e traçando com firmeza a sua verdadeira directriz á méta desejada.

Além disto, a "Revista Escolar" continúa aguardando o concurso intellectual do Professorado e de todos quantos póssam e queiram corroborar em beneficio da educação da nossa infancia.

E, nessa expectativa, alimenta a convicção de se tornar um orgam efficiente no apparelho da instrucção publica paulista.





EXMO. SR. DR. CARLOS DE CAMPOS
PRECLARO PRESIDENTE DO ESTADO DE S. PAULO, DE CUJO ESPIRITO CULTO E NOBRE TUDO ESPERA A
INSTRUÇÃO PUBLICA DO ESTADO.

LIÇÕES PRATICAS

LINGUAGEM ORAL

UMA AULA DE LEITURA

No curso primario, grande valor tem a leitura préviamente feita e analysada pelo professor aos seus alumnos.

Assim, o mestre, ao lêr um capitulo qualquer, fal-o-á com voz clara e pausada, e com esmerada dicção; examinará successivamente os paragraphos, explicando os termos nelles contidos, isto é, os reclamados pelo grau de desenvolvimento intellectual da classe. Esta deve sêr interrogada, com oportunidade, de modo que, finda a leitura do capitulo, ella já esteja senhora do assumpto.

Em seguida, e sem interrupção, deve o mestre lêr de novo o capitulo. Aqui melhormente o alumno poderá observar a boa dicção do mestre, as inflexões de voz, de accordo com a significação do trecho — inflexões naturaes, sem o menor vislumbre de declamação; observará tambem as pausas que, nem sempre, devem ficar subordinadas unicamente aos signaes de pontuação.

Recommendados depois os alumnos, a estudar em casa a lição, lendo-a, pelo menos uma vez, em voz alta, reproduzindo-a, da mesma fórma; solicitados a manejar o dictionario, si já o souberem fazer, tudo isso corroborará para o bom exito do estudo.

Dirigidos os estudantes por essa fórma, o professor poderá, quando entender, indicar-lhes apenas o capitulo a sêr estudado, deixando-lhes toda a espontaneidade, bem entendido, dentro das nórmas geraes de sua aprendizagem.

E' obvio que aqui tratamos da leitura corrente e expressiva, isto é, clara e compreendida, a qual poderá sêr interrompida, salvo raras exceções, sómente no momento do seu preparo, ou quando feita simultaneamente pelos alumnos — caso este que, pedagogicamente, não constitúe verdadeira interrupção.

Tratemos agora de pôr em pratica as observações acima.

Professor. — Ora, muito bem! Todos vocês andaram optimamente, hoje, na leitura. Prepararam as lições em casa, como recommendei, attendendo ao que lhes observei hontem. Meus parabens! Tratemos, agora, da lição para amanhã. Abram os livros, á pagina 28. Qual é o titulo da lição, Roberto?

Alumno. — *As aves.*

P. — Vou lêr-lhes o primeiro paragrapho. *Havia antigamente uma linda aldeia cercada de muitos e productivos arbustos que floresciaam na Primavera, exhalando os mais deliciosos perfumes.*

Quem me sabe dizer o que é “aldeia”?

A. — Uma pequena povoação.

P. — Justamente. E “productivos arbustos?”

A. — Plantas que dão muita fructa.

P. — Isso mesmo. Você, Guilherme, compreendeu a phrase — “floresciaam na Primavera”?

A. — Davam flôres na estação das mesmas, que se chama Primavera.

P. — E você, Miguel, o que entende por — “exhalando deliciosos perfumes”?

A. — Quer isso dizer: lançando agradaveis aromas.

P. — Muito bem! Vou continuar a leitura. *Os seus ramos, estavam continuamente cheios de passarinhos que, entre o trançado dos galhos, faziam os seus ninhos e soltavam os seus maviosos gorgeios.*

Vejamos quem é capaz de dizer isso, por outras palavras?

A. — Eu sei, professor.

P. — Póde falar, Joaquim.

A. — Os ramos daquellas arvores estavam sempre carregados de passaros que alli faziam seus ninhos e cantavam maravilhosamente.

P. — Bravo, Joaquim! Vou proseguir. *No Outono se debruçavam ao peso dos fructos.*

Que quer isto dizer, Paulo?

A. — Quer dizer que, no Outono, isto é, no tempo das fructas, os galhos ficavam tão carregados que até vergavam.

P. — Isso mesmo. *No entanto, alguns meninos malévolos da vizinhança, tanto fizeram que as aves deixaram os ninhos e nunca mais se lhes ouviu o alegre cantar.*

Vejamos que quer dizer — “meninos malévolos”?

A. — Quer dizer: crianças más, perversas.

P. — Justamente. Continúem a prestar attenção á minha leitura, e acompanhem-n-a, sempre em seus livros. *Dahi em diante as arvores se tornaram tristes e silenciosas; as lagartas, que as aves consumiam outr'ora, multiplicaram-se com rapidez tal que, devorando as folhas as deixavam núas como si estivessem no rigor do inverno.*

Entenderam bem este trecho?

A. — Eu entendi, sim, senhor.

A. — Eu tambem.

A. — E eu, professor; até posso repetil-o.

P. — Está muito bem, mas eu vou lê-lo de novo, mudando-lhe algumas palavras, para vocês entenderem melhor. **Attenção.** “Desde, então, as plantas ficaram sombrias e mudas; as larvas, que os passaros devoravam antes, augmentaram tão depressa que, comendo as folhas as deixavam despidas, como si estivessem na força do frio.”

Mas, porque as arvores ficaram silenciosas e tristes? Quem me diz?

A. — Eu, eu... é porque os passarinhos tinham fugido dos meninos maus, e não se ouviam mais os seus alegres gorgeios.

P. — Muito bem, Fernando! Terminemos a leitura.

Os malévolos meninos, que tinham antes disso fructos deliciosos e abundantes, não viram mais nenhum nas arvores, completamente devastadas.

P. — Que quer dizer — “abundantes”, Pedrinho.

A. — Quer dizer: em grande quantidade.

P. — E você, Mauro, que significa — “arvores completamente devastadas” ?

A. — Plantas muito estragadas.

P. — E’ o bastante. Agora vou lêr a lição toda, sem parar; sómente no fim quero que um de vocês a leia também e que outro a reproduza por suas proprias palavras. (Lê toda a lição.) Leia você, Renato.

A. — (Lê toda a lição.)

P. — Reproduza-a, José.

A. — (Reproduz a lição lida pelo mestre e pelo collega.)

P. — Esta será a lição para amanhã. Não se esqueçam de estudal-a bem, lendo primeiramente, sentença por sentença, procurando a significação dos termos de cada sentença. Depois, leiam-n-a, em voz alta, e finalmente fechem o livro e, em voz alta também, reproduzam o que tiverem comprehendido, formando sentenças curtas e claras.

ARITHMETICA

I ANNO

(Continuação)

Até ao numero 10 ou 12, deve a professora ir muitissimo devagar, insistindo, repetindo, revendo, applicando exercicios variados. Depois, reconhecerá que valeu a pena esse tempo empregado em fazer conhecer e gravar os factos passo a passo. Dado o caso, pör exemplo, que o problema peça uma subtracção, o espirito infantil terá apenas que se occupar com a idéa de que a operação pedida

pelo problema é uma subtracção, e não com o resultado dessa subtracção, pois esse lhe virá espontaneamente.

LIÇÃO IV

(Esta lição será a repetição dos factos da 3.^a lição, que vão sêr agora reproduzidos no quadro-negro.)

Professora. — Traga-me dois lapis, Antonio.

Ponha um lapis na mão esquerda e um na mão direita.

Na mão esquerda está um lapis; na mão direita está um lapis. Quantos lapis serão, si os reunirmos?

Alumno. — Um lapis mais um lapis, são dois lapis.

P. — (Tomando outros dois lapis, um em cada uma das mãos, repete, á medida que mostra, em primeiro lugar cada lapis, depois os dois reunidos.) E' isso mesmo: um lapis e mais um lapis, são dois lapis.

Depois, a classe tomará os lapis e cada alumno repetirá, por sua vez, mostrando com o lapis o que está repetindo.

A professora vae, então, ao quadro negro e escreve:
 $1 + 1 = 2$.

P. — Este (mostrando o primeiro um) é o lapis da mão esquerda, e este (mostrando o segundo um) é o lapis da mão direita; são dois lapis, que estão aqui juntos (apontando para o algarismo dois.)

Virão ao quadro diversos alumnos que, apontando para cada algarismo e signal, repetirão, a principio, a historia, com os lapis mesmo, e depois, a mesma historia, variando o nome dos objectos.

P. — Agora, prestem attenção para me contarem como é que eu digo aqui (apontando para o signal mais.) Um lapis mais um lapis, são dois lapis (demorando mais tempo na palavra mais.)

A. — A senhora leu: mais.

P. — E' isso mesmo. Esses risquinhos, que parecem uma cruz, lêem-se: mais. (Faz a mesma coisa com o signal de egualdade.) Em seguida virão ao quadro os alumnos, para escreverem e lerem: um tinteiro mais um tinteiro, são dois tinteiros, etc.

P. — (Pegando dois livros e dando um delles a um alumno.) Eu tinha *dois* livros e dei *um* ao Antonio, com quantos livros fiquei ?

A. — A senhora ficou com *um* livro.

P. — Muito bem!

Então, poderão todos, um a um, repetir com objectos differentes, ou poderá um alumno, que mostrar difficuldade, repetir a operação.

A professora vae ao quadro negro e escreve: $2-1=1$.

P. — Aqui (apontando para o algarismo *dois*) estão os *dois* livros que eu tinha. *Menos* (apontando para o signal) *um* livro que eu dei ao Antonio (aponta o primeiro algarismo um) fiquei (aponta o signal de egualdade) com *um* livro (aponta o segundo algarismo *um*.)

Diversos alumnos virão lêr o que ficou escrito, podendo variar os nomes dos objectos.

P. — Agora, eu vou lêr e quero que me contem como é que eu digo *aqui* (apontando para o signal *menos*.) (Lê, demorando um pouco na palavra *menos*.) Diga você, Armando.

A. — A senhora disse: *menos*.

P. — Sim, eu li *menos*, que é, supponhamos, como si eu dissesse: — *dando, perdendo, comendo, tirando*. (Fará exercicios em que os alumnos usem cada uma dessas expressões. Terá cuidado em insistir que os alumnos digam *menos* ou *tirando*, mas nunca: de *dois tira um, fica um*.)

Virão ao quadro os alumnos para lerem, á medida que forem escrevendo.

P. — Alberto, faça o favor de dar a cada um de nós *dois* tórnos.

Levantem os tórnos. Quantos tórnos tem cada um de nós?

A. — Cada um de nós tem *dois* tórnos.

P. — Vamos todos collocar os *dois* tórnos sobre a mesa. Vamos vêr o que fizemos, Antonio.

A. — Nós tínhamos dois tórnos, puzemos dois na mesa e ficámos sem torno nenhum.

P. — Muito bem! Agora o giz va e escrever o que você disse. Escreve: $2 - 2 = 0$.

Este (apontando o primeiro algarismo *dois*) mostra os *dois tórnos* que estavam na mão. Isto aqui, quer dizer que *tiramos* da mão (apontando para o signal *menos*.) Este vem a sêr os *dois tórnos*, que foram para a mesa (apontando para o segundo algarismo *dois*.) Ficámos (apontando para o signal de *egualdade*) *sem tórnos* ou com *nenhum torno* (apontando para o *zero*.)

Differentes alumnos lerão o que ficou escrito, usando sempre nomes de objectos depois dos algarismos.

Em seguida irão uns escrever no quadro negro e outros lêr o que o collega escreveu.

Depois, a professora ensinará da mesma maneira, e com o mesmo vagar e repetição: $2 - 0 = 2$.

P. — Alfredo, traga-me da mesa *duas laranjas*.

A. — Prompto, professora.

P. — Bem; dê a Antonio a metade das suas laranjas. Quantas laranjas você deu?

A. — Eu dei uma laranja.

P. — E com quantas ficou?

A. — Eu fiquei com *uma laranja*.

P. — Então, si você deu *uma laranja* e ficou com *uma*, cada um de vocês ficou com a *metade* certa das *duas laranjas*.

Quanto é a *metade de duas laranjas*?

A. — A *metade de duas laranjas* é *uma laranja*.

P. — Fará muitos e variados exercicios, mandando sempre o alumno repartir egualmente com um collega, os objectos diversos, para conhecer bem a significação de *metade* ou *meio*.

Irá depois ao quadro negro e escreverá:

$$1/2 \text{ de } 2 = 1$$

Lerá, em seguida, apontando para o que está escrito e fará os alumnos primeiro lerem o que ella escreveu e depois cada um experimentar escrever e lêr.

(Confórme o desenvolvimento da classe, o assumpto desta lição pôde sêr dado em uma ou mais vezes.)

(*Continúa.*)

ZOOLOGIA

AVES

E' conveniente apresentar o professor para este estudo, especimens de aves, de seus óvos e ninhos. Quando isto fôr impossivel, quadros que illustrem aquillo que se quer ensinar, pois é indubitavel que a criança grava e guarda melhor aquillo que é adquirido pelos sentidos e especialmente pela vista.

Deve ainda o mestre fazer com que os alumnos observem e comparem as semelhanças e differenças entre as diversas ordens, differenças quanto ás garras bicos, vôo, alimentação, etc. Precisa ainda aproveitar o ensejo para mostrar a grande utilidade das aves, especialmente á lavoura, incutindo no espirito infantil a protecção que devemos ás aves e aos seus ninhos.

Professor. — Você me disse, Alberto, que mudou de residencia ?

Alumno. — Sim, senhora; mudámo-nos para uma casa que tem quintal muito grande, porque mamãe gosta muito de fazer criação de gallinhas e de patos.

P. — E para que cria ella patos e gallinhas ?

A. — Para os comermos e para termos óvos bem frescos.

P. — E' uma boa idéa, pois essas aves são muito uteis. Sabe você, Antonio, o que são aves ?

A. — São animaes que têm pennas.

P. — Sim, são vertebrados que têm o corpo coberto de pennas, dois pés, duas azas, a bocca transformada em bico e põem óvos.

E quantos dentes têm as aves, Alvaro ?

A. — As aves não têm dentes nem beiços.

P. — São os animaes mais faceis de se distinguir; não se confundem com os outros, pois são os unicos que têm pennas. Mas, as aves, assim tão parecidas, nem por isso são todas eguaes. Umam comem carne, como o urubú; outras, grãos,

como o tico-tico; outras, insectos, como a andorinha; o avestruz corre muito; a gallinha anda mais do que v \hat{o} a; o pombo v \hat{o} a longe; o pato e o cysne nadam.

Vamos estudar algumas aves, para vermos como s \tilde{a} o diferentes.

A gallinha e o *perú* t \tilde{e} m azas curtas e patas... quem j \acute{a} reparou nos p \acute{e} s da gallinha? Como s \tilde{a} o, Arthur?

A. — A gallinha tem tres dedos para a frente, e um para traz, que fica bem livre.

P. — E' isso mesmo. Essas aves s \tilde{a} o *gallinaceos*. O *perú* e a gallinha s \tilde{a} o *gallinaceos domesticos*... Quem conhece uma ave muito parecida com a gallinha, de que os caçadores gostam muito?

A. — A *perdiz*.

P. — Pois a *perdiz*, a *codórna*, o *macuco*, o *inhambú*, o *jacú*, etc., s \tilde{a} o *gallinaceos selvagens*.

E o pato, Augusto, ser \acute{a} *gallinaceo*?

A. — De certo \acute{e} .

P. — Pois n \tilde{a} o \acute{e} , meu pequeno. Repare bem nos p \acute{e} s da gallinha e nos p \acute{e} s do pato.

A. — Ah! Os p \acute{e} s do pato t \tilde{e} m os dedos, \acute{e} m quasi toda a extens \tilde{a} o, pres \tilde{o} s por uma pelle.

P. — Dizemos que os seus p \acute{e} s s \tilde{a} o *espalmados*; os dedos s \tilde{a} o presos por uma membrana. E o que mais t \tilde{e} m os patos de diferente das gallinhas?

A. — Os patos nadam e as gallinhas n \tilde{a} o nadam.

P. — J \acute{a} viram voc \tilde{e} s que s \tilde{a} o bem diferentes. Agora, vamos aprender que as aves que t \tilde{e} m os p \acute{e} s espalmados, apropriados para nadar, chamam-se *palmipedes*.

Quem sabe o nome doutro *palmipede*?

A. — O *marreco* tambem nada.

A. — O *cysne*.

A. — O *ganso*.

P. — E muitos outros *palmipedes selvagens*, que talvez voc \tilde{e} s n \tilde{a} o conheç \tilde{a} m: a *gavota*, o *mergulh \tilde{a} o*, o *irer \tilde{e}* , o *jo \tilde{a} o grande*, etc.

E o pombo, Alcides, ser \acute{a} *gallinaceo* ou *palmipede*?

A. — Eu acho que é gallinaceo.

P. — Não é assim. Olhe para os pés do pombo e veja si são eguaes aos da gallinha ?

A. — Não são. Os pés do pombo não têm os dedos unidos por membranas. Os quatro dedos são bem separados.

P. — E' isso mesmo. E o vôo do pombo é igual ao da gallinha ?

A. — Não, senhor. O pombo vôa muito bem e a gallinha vôa pouco.

P. — Sim, o pombo é bem differente da gallinha, especialmente no vôo. Dizemos que o pombo é ave *colombina*.

Algum de vocês conhece outra ave parecida com o pombo?

A. — O *pombo-correio*.

P. — Sim, este pombo é interessantissimo pelo desenvolvido sentido de orientação que possúe. E' utilizado para transportar cartas. Os aviadores fazem uso desses pombos para darem notícias de si. Vejam como são uteis! Mas, vamos a vêr quaes são as *colombinas selvagens* que ha, pois o pombo-commum e o pombo-correio são domesticos.

A. — A *rola*.

P. — Sim, tambem a *juryty* e a *trocaz*, são colombinas selvagens.

As gallinaceas, palmipedes e colombinas são por nós aproveitadas para alimentação.

E o tico-tico, o que será? Gallinaceo ou palmipede?

A. — O tico-tico é passarinho.

P. — Sim, o tico-tico é o que chamamos *passaro*.

Os passaros são aves de pequeno porte, geralmente cantoras. Têm, quasi sempre, o bico recto, fraco e aguçado. E' numerossissima a variedade dos passaros no Brasil. São elles que deleitam a nossa vista e embellezam a natureza pela vivacidade das côres da sua plumagem; extasiam os nossos ouvidos com os seus melodiosos gorgeios.

Quem conhece outro passaro?

A. — O *sabiá*.

A. — O *canario*.

A. — O *pintasilgo*.

A. — A *patativa*.

A. — O *bem-te-vi*.

P. — Ainda temos um grande numero; alguns são bem curiosos: o *martim-pescador*, que pesca com o seu longo bico; o *joão de barro*, que faz o seu ninho de barro bem feitinho, com dois andares; o *chupim*, o passaro preguiçoso, que faz o tico-tico chocar os seus óvos; o *tangará*, que é um afamado dansarino; e os *beija-flôres*, tão lindos e tão variados!

Mas, não é só por serem lindos os passaros que devemos protegê-los.

Sabem vocês que os passaros são grandes amigos dos lavradores? Pois são. Elles dão cabo duma porção de insectos que não só estragam as plantações, como transmitem varias molestias. Comem tambem as sementes deervas daninhas. O *anum* é terrivel caçador de carrapatos. Protejamos, pois, ás aves e os seus ninhos. Deixemol-as cantar em liberdade, nessa abençoada e magnifica liberdade para que foram criadas.

A. — Antonio esteve nos contando, no recreio, que o papagaio delle sabe falar. E' verdade que ha aves que falam?

P. — Sim, os papagaios e as araras aprendem a repetir o que ouvem muitas vezes.

E, por você me falar em papagaio, vamos continuar a nossa lição sobre as aves.

Antonio, você, que tem papagaio, vae nos contar como são os dedos do pé do seu papagaio?

A. — Elle tem dois dedos á frente e dois atraz.

P. — E' por isso que o papagaio póde trepar tão bem nas arvores. Que é mais que ajuda o papagaio a trepar?

A. — O seu bico.

P. — Sim, o papagaio tem um bico curvo e bem forte. Como a arara e o papagaio gostam de trepar pelos troncos e galhos, são chamados *trepadores*. Quem conhece outra ave que gosta de subir pelas arvores?

A. — O *periquito*.

A. — O *pica-pau*.

P. — E o *tucano*, vocês não conhecem? Todas estas aves trepadoras têm linda plumagem.

A. — Não são como o coitado do *urubú*, tão feio!

P. — Feio, póde sêr, mas util. Sabem porque?

A. — (?)

P. — Comem a carne dos animaes mortos, que encontram nos campos. São, pois, grandes saneadores. O *urubú* é bem differente das aves que até aqui temos estudado. Nenhuma dessas come carne. Agora aprendam que as aves que se alimentam de carne são chamadas *aves de rapina*.

Quem conhece outra ave que gosta de carne? Não conhecem uma que costuma comer as gallinhas?

A. — Eu sei. E' o *gavião*.

P. — E uma que sae á noite?

A. — Ah! é a *coruja*.

P. — As aves de rapina têm bico e garras fortes.

E os *jibirús* do Jardim da Luz, o que serão, Alberto?

A. — Eu não sei. O senhor fala daquellas aves de pernas compridas e bico que parece tão pesado?

P. — São essas mesmas. Você disse que têm pernas compridas, não disse? Pois ellas chamam-se *pernaltas*.

Quem conhece outra pernalta?

A. — A *saracura*.

A. — O *frango d'agua*.

A. — A *garça*.

A. — A *cegonha*.

A. — A *seriema*.

P. — E o *quero-quero*.

Todas têm pernas compridas, pescóço longo, cabeça pequena e bico tambem comprido. Gostam muito da agua, mas não nadam. E o engraçado é que, com essas pernas tão compridas, as *pernaltas* não correm muito.

A ave que corre tanto como um cavallo, você sabe qual é, Armando?

A. — E' o *avestruz*.

P. — Sim, o *avestruz* e a *ema*, que é o nosso *avestruz*. E essas aves que correm, como será que se chamam?

A. — Chamam-se *corredoras*.

P. — Sim, ou *aves corredoras*. Também são grandes e fortes. Falámos da utilidade das aves gallinaceas, palmipedes, colombinas e dos passaros. Pois fiquem sabendo que, entre as aves de que estamos falando agora; também ha algumas bem uteis. O *urubú*, já dissemos, é importante protector da saúde publica; as *seriemas* são terriveis inimigas das serpentes que consómem todos os annos muitas vidas, não só de pessoas como de animaes domesticos; o *pica-pau* persegue as formigas, cupins e larvas; o *quero-quero* extermina as formigas; os *tuiuiús* (que são uma especie de cegonha e abundam nas margens dos rios Paraguay e Paraná) encarregam-se de fazer limpeza, isto é de comer incrível quantidade de peixes que as enchentes depositam nas margens desses rios.

Agora, que vocês conhecem bem como as aves são uteis, estou certo de que não ousarão matar inutilmente uma só ave ou destruir-lhes os ninhos.

O SYSTEMA-METRICO

(PARA CLASSES ADEANTADAS)

O professor terá sobre a mesa o globo e o metro. Escreverá no quadro-negro, em grandes caracteres, o titulo da lição: — *Systema-metrico*.

Tanto quanto possivel, pois se tratará nessa lição do historico desse Systema, desenhará no referido quadro-negro mais dum globo determinando o equador e os meridianos.

Professor. — Quem é capaz de me dizer o que é *systema* ?

Alumno. — Quando estudámos geographia, o Sr. nos disse que o Brasil apresentava tres systemas de montanhas, e nos ensinou que *systema* quer dizer reunião, um conjunto...

P. — Muito bem! Você lembrou-se da geographia, vendo o globo e estas figuras, não é assim?

A. — E', sim, senhor. Mas, eu não compreendo agora como póde haver uma reunião metrica.

P. — Pois vae vêr que é muito simples. O menino não sabe que todas as medidas se derivam do metro?

A. — E' verdade: o litro, por exemplo, é a capacidade dum decimetro cubico...

P. — Bravo! Já vejo que entendeu. E vocês outros?

A. — Eu acho que tambem comprehendí, professor.

P. — Você, Octavio? Fale, então, meu amiguinho.

A. — Parece-me que Systema-metrico, quer dizer a reunião de medidas e pesos que têm como origem, como base, o metro.

P. — Perfeitamente bem. Mas, para maior clareza, precisamos conhecer outras coisas. Por isso, começarei por perguntar o que são meridianos. Quem m'o dirá?

A. — Eu, eu, professor.

P. — Póde falar, Augusto.

A. — Meridianos são circulos que, passando pelos pólos da terra, a dividem em duas partes eguaes.

P. — E como se chamam essas partes?

A. — Hemispherios. Ha dois hemispherios: — o oriental e o occidental.

P. — Optimo! Quero que venham, em turmas, mostrar-me no globo diversos meridianos.

Alumnos. — (Indicam diversos meridianos.)

P. — Outra pergunta agora, e é o Julinho quem me vae responder. Sabe você, o que é o equador?

A. — E' uma linha.

P. — Uma linha? Mas, que especie de linha?

A. — E' uma curva, um circulo que divide a terra, passando pelos pólos.

P. — Não; sua resposta não está certa. Os circulos que passam pelos pólos, já vimos que são os meridianos. O equador é este circulo (mostrando) que divide a terra em dois hemispherios, mas um do norte ou septentrional, e outro do sul ou meridional. Comprehendeu?

A. — Comprendi, sim, senhor. Aqui está o equador.
(Mostra.)

P. — Continuemos, e muita atenção! Os sabios, seguindo um meridiano, dividiram a distancia do equador ao pólo em dez milhões de partes eguaes. A uma dessas partes deram o nome de *metron*, que quer dizer — medida.

A. — Essa parte não será o metro, professor?

P. — Justamente. O metro é a decima millionesima parte da distancia do equador ao pólo. Assim foi constituída a unidade de comprimento, isto é, o metro.

P. — Quando foi que isso se deu, professor?

P. — A commissão de sabios, que levou sete annos nesse trabalho, apresentou-o, em França, a 22 de junho de 1799.

Conhecido o metro, delle se derivaram as medidas de capacidade e as de peso.

Ora, como todas essas medidas crescem ou diminuem de dez em dez partes, chamou-se ao seu conjunto — *Systema-metrico-decimal*.

A. — E antes, como se mediam as coisas?

P. — Por meio de medidas e pesos mui diversos, taes como a braça, o palmo, o pé, a arroba, a libra, etc., etc.

A. — E aqui no Brasil, adoptaram logo o Systema-metrico?

P. — Sim; nosso paiz, pela lei de 26 de junho de 1862, adoptou o Systema-metrico.

A. — E os outros paizes?

P. — Quasi todos os paizes civilizados adoptam o Systema-metrico.

A. — Então, ha nações que não o adoptaram?

P. — Ha, como a Inglaterra, a Russia, os Estados Unidos, onde o uso não é official nem obrigatorio, mas é permittido.



GEOGRAPHIA

OS RIOS, SEUS PRODUCTOS E SUA UTILIDADE

Ao ensinar a formação, as partes, o volume, emfim, ao estudar os rios em seus detalhes, é de grande proveito que, ao mesmo tempo, os alumnos adquiram uma idéa das riquezas que occultam as suas aguas; dos innumerables serviços que prestam á irrigação dos campos, á navegação, etc.; do fornecimento da energia electrica; saibam o grande numero de beneficios que a electricidade proporciona ás industrias, á illuminação, aos meios de transporte; conheçam, finalmente, todas as utilidades dum rio e particularmente dos nossos.

Professor. — Quem de vocês já foi á Ponte-Grande?

Alumno. — Eu já fui.

P. — Que foi que você viu passando por baixo dessa grande ponte, Augusto?

A. — Eu vi um rio.

P. — Sim, você viu uma porção de agua corrente, um rio.

E como se chama... quem é que sabe o nome desse rio?

A. — Elle é o Tietê.

P. — Sim, o Tietê é um rio nosso, bem nosso. Banha nossa Capital, nasce e acaba no Estado de São Paulo.

Eu disse *nasce*. Estará certo? Então, um rio nasce?

A. — Sim; isto quer dizer que o rio começa.

P. — Chamamos *nascente* dum rio ao lugar onde elle começa.

Quem de vocês já foi a Santos? Não viram aos lados do caminho, uma porção de logares, onde a agua vem brotando dentre as pedras? Uma porção de fontes de agua? Um rio, grande ou pequeno, começa desse modo.

A principio é fonte ou nascente, quasi sempre no alto duma montanha. Depois, vae descendo pela montanha abaixo até se encontrar com outro fiozinho de agua que timidamente

tambem vem descendo. Encontram-se para não mais se separarem.

Assim continúam essas fontes, esses fios de agua, crescendo, augmentando o seu volume e pujança, ajudados por outras muitas fontes que vêm ao seu encontro.

(E' de proveito o desenho duma fonte, descendo duma montanha, engrossada por outros riachos.)

O Tietê, que nós conhecemos, tão grande, já foi tambem pequeno, já foi fonte. Elle nasce no *Morro da Barra*, na Serra do Mar, bem perto do littoral.

E dum lado e doutro do rio, o que vemos?

A. — Vemos terra.

P. — Sim, vemos terra, que é chamada *margem direita*, quando fica á direita da nascente do rio; e *margem esquerda*, quando fica á esquerda da nascente.

(Aqui o mestre fará exercicios praticos, mostrando como se conhece a nascente, a margem direita e a esquerda.)

E o fundo do rio, algum de vocês sabe como se chama?

A. — Chama-se *leito*.

P. — Sim, *leito* ou *alveo* é o terreno sobre o qual o rio corre.

Eu disse a vocês que o rio Tietê tambem acaba no Estado de São Paulo. Como será, Alvaro, que um rio acaba?

A. — Um rio acaba quando vae para o mar.

P. — E' isso mesmo. Ás vezes tambem as aguas dum rio vão ter a um outro rio; ás vezes, a um lago. O Tietê não desagua directamente no mar; elle vae a um outro rio muito grande, que é chamado Rio Grande. Elle é, pois, *affluente* do Rio Grande.

Agora, quero que Antonio me diga o que é *affluente* dum rio? é porque o Rio Tietê é *affluente* do Rio Grande.

A. — *Affluente* é o rio que despeja suas aguas noutro rio.

P. — (Indica rios dum mappa ou dum desenho no quadro-negro.)

Aqui temos uns affluentes neste lado direito do rio: são affluentes da margem direita. Estes, que estão á margem esquerda, são affluentes da margem esquerda.

(Desenha o Rio Tietê com os seus principaes affluentes.)

Os affluentes mais importantes do Tietê, á margem direita, são: o Piracicaba, o Jacaré-Pipira, o Jacaré-Grande; á margem esquerda: o Sorocaba e o Mogy-Guassú.

Vocês já repararam nuns homens sentados nas margens do Tietê, segurando umas varas nas mãos? Que estariam elles fazendo?

A. — Estavam pescando.

P. — Sim. Então, você sabe que os rios produzem peixes, que constituem um excellente alimento. O Tietê e os seus affluentes estão cheios de peixes saborosos.

Quem vae me contar os nomes dalguns peixes encontrados nos rios?

A. — *Lambary.*

A. — *Cascudo.*

A. — *Traira.*

A. — *Bagre.*

P. — Quem conhece um que é muito grande?

A. — *Dourado.*

P. — Ainda ha: o *jaú*, a *piracanjuba*, a *piranha*, o *mandi*, e muitos outros. Estes peixes, que são encontrados nos rios, são chamados peixes da agua doce.

Quem já reparou no fundo dum rio, quando as suas aguas estão bem claras?

A. — Eu, já. A agua estava tão clara, que se viam os peixinhos pulando.

P. — Então você viu bem o leito do rio. De que é elle formado?

A. — E' feito de areia.

P. — É pedregulho, você não viu lá?

A. — Areia e pedregulho.

P. — Não se lembram de ter visto, na Ponte-Grande, uma porção de barcos que vêm chegando cheios de pedregulho

e areia? Essa areia e esse pedregulho são retirados do leito do Tietê. E, para que será que esses homens querem a areia e o pedregulho?

A. — Para fazer casas.

P. — Não é propriamente para fazer casas, mas a areia e o pedregulho, auxiliam muitissimo na construção das nossas casas e calçadas, na fabricação do vidro, etc.

Agora, eu quero saber aonde é que vão ter as aguas servidas das nossas casas e as aguas das chuvas que vemos cahir nas boccas de lobo?

A. — Vão em baixo da terra.

P. — Sim, vão por baixo da terra, mas em canos que as conduzem ao Tietê, bem longe da cidade, por causa das impurezas que levam e que nos poderiam prejudicar a saúde. Vejam, pois, outra utilidade do Tietê: leva para longe as aguas servidas, contribuindo assim para a hygiene publica.

Vamos a vêr si os rios ainda servem para mais alguma coisa? Alguem sabe? Alguem de vocês já esteve numa fazenda?

A. — Eu passei as férias de dezembro na fazenda.

P. — Você viu fazer o fubá, a farinha de milho e a de mandioca?

A. — Eu vi, muitas vezes.

P. — Como se chama o logar onde se faz o fubá e a farinha?

A. — Chama-se moinho.

P. — E o que é que faz andar as rodas do moinho que fabrica essas coisas?

A. — E' a agua dum rio que atravessa a fazenda.

P. — Sim, são as quédas d'agua, cachoeiras ou saltos dos rios, que fazem andar os moinhos. Em muitos moinhos essa força ou quéda d'agua é transformada em electricidade, que faz o mesmo serviço muito mais depressa e com muito menos trabalho.

E a electricidade consumida, quando accendemos as luzes, os ferros, aquecedores, fogões electricos; que gasta-

mos, quando abrimos os ventiladores, será produzida por quéda d'agua ?

A. — Eu não sei.

P. — E', sim, e ainda são saltos que fornecem a electricidade, que faz andar os bondes e actualmente os trens; que impulsiona enormes machinas de usos tão variados quanto importantes.

Vejam só quanta utilidade têm os rios; quanta coisa boa o Tietê nos dá!

Na proxima lição vocês hão de aprender outras coisas interessantes sobre os rios. Não se esqueçam do que aprenderam hoje.

A. — Sim, Sr. professor.

EDUCAÇÃO CIVICA

NOÇÃO SOBRE GOVERNO

(PARA UMA CLASSE INFERIOR)

Eis uma lição que requer muito zelo e esforço da parte do professor.

Basta considerar que toda criança faz melhor aquillo que vê fazer, do que pratica o que se lhe diz que deve fazer.

A Educação Civica abrange uma somma extraordinaria de conhecimentos, difficeis de ensinar num curso primario. Naturalmente serão dados á criança, conforme a classe.

Entretanto, sempre se nota que esses conhecimentos giram naturalmente em torno dos seguintes pontos: 1.º — idéa de patria; 2.º — amor que devemos á patria; 3.º — deveres para com a patria.

Para repetir o que é patria, ha uma infinidade sem conta das mais bonitas phrases.

O amor á patria é um sentimento que nos faz vibrar á passagem dum regimento, ao desfraldar da

nossa bandeira, ao ouvir o hymno nacional, ao celebrar o feito glorioso dum cidadão, etc., etc.

Quanto á infinidade de deveres, notar-se-á para as crianças o falar bem a lingua, o não desdenhar as regras da civilidade, o respeito ás leis — começando, então, pelo respeito ao chefe da nação.

Professor. — Onde você móra, Antonio ?

Alumno. — Móro na rua... n.º...

P. — E com quem você móra ?

A. — Com papae, mamãe, dois irmãozinhos e uma criada.

P. — Quem é o chefe da casa, Alfredo ?

A. — E' o papae, a quem todos obedecemos.

P. — E seria bonito um menino não obedecer a uma ordem dada pelo papae ?

A. — Não, senhor.

P. — Americo, você dá ordens aos seus irmãozinhos ?

A. — Não, senhor. Quando preciso dalguma coisa, eu peço e não mando.

P. — Muito bem! E Affonso, você manda os criados em sua casa ?

A. — Não tenho licença para isso.

P. — Então, você os trata como seus irmãozinhos ?

A. — Tambem isso, não. Elles são criados da casa e não são meus irmãos.

P. — E si o papae deixasse de dar ordens em casa, o que aconteceria ?

A. — Seria uma desordem, porque não saberíamos o que cada qual devia fazer.

P. — E si aqui no grupo chegassem as crianças um dia e nenhum professor, nem o director ?

A. — Seria um "frége".

P. — Não se deve empregar uma expressão como essa. Diga: desordem, algazarra, gritaria, e não um termo tão grosseiro.

E porque haveria esse barulho, Armando ?

A. — Porque faltaria uma autoridade para nos dar ordens.

P. — Bravo! E quem manda aqui na classe?

A. — E' o senhor.

P. — E no grupo todo?

A. — O director.

P. — E si eu entrasse nas outras classes e fosse dando ordens, seria bonito?

A. — Não, senhor; cada classe tem seu professor, e o professor duma classe não dá ordens nas outras classes.

P. — Muito bem! O mesmo que se dá no grupo, acontece com a nossa cara patria.

A. — Ha, então, um director e professores para tomarem conta da patria?

P. — Isso, não, mas ha o presidente da Republica e os presidentes dos Estados.

A. — Como pôde o presidente mandar num paiz tão grande?

P. — Auxiliado pelos presidentes dos Estados.

A. — E cada presidente de Estado obedece ao presidente da Republica?

P. — Quando se trata dum interesse commum, obedece; sinão o presidente é livre em cada Estado de fazer tudo quanto puder, para melhorar e engrandecer o proprio Estado. Sabe você, o nome do presidente da Republica?

A. — O actual presidente da Republica é o Dr. Arthur Bernardes.

P. — Pois bem, meus alumnos, não se esqueçam que a elle devemos o maximo respeito, porque, respeitando-o, respeitamos o *governo* da Republica, por elle representado.

GEOMETRIA

LINHAS

Um carretel de linha, uma regua, um barbante, um metro dobradiço, um nivel, um fio de prumo, algum giz de côres, eis o material necessario,

a meu vêr, para a professora dar uma boa lição sobre linhas e suas especies a uma classe atrazada.

Nada é tão necessario numa classe, como obter a attenção das alumnas.

Como a criança tem a imperiosa necessidade de falar e falar sempre, a professora terá o cuidado de lhe dar toda a liberdade de interrogar. E' indiscutivel que para manter a ordem, a professora ha de fazer comprehender ás suas alumnas que a menina educada, polida, não fala ao mesmo tempo que a collega, e nem tão pouco a interrompe.

Professora. — Que vêem vocês na minha mão ?

Alumna. — Um carretel de linha.

P. — Pois é justamente da linha que vamos falar.

A. — Da que serve para bordar, costurar ?

P. — Não; duma outra linha. Pois qualquer traço, a beira da mesa, da carteira, o encontro da parede com outra, da parede com o forro, etc., formam *linhas*.

A. — O lado da regua é linha ?

P. — E'. Vamos vêr quem mais me dá exemplo de linhas.

A. — A linha do bonde.

A. — As gretas do soalho.

A. — As folhas da janella.

P. — Bem; essas linhas todas chamam-se *rectas*. Alice, trace, com o auxilio da regua, uma *linha recta* no quadro negro. Olga e Irma, tomem o barbante que está em cima da mesa, mas sem estical-o.

A. — Formou-se um arco.

P. — A esse arco dá-se o nome de *linha curva*. Quem é capaz de me dar um nome de objecto que tenha linhas curvas ?

A. — O relógio.

A. — O tinteiro.

A. — O chapéo.

P. — Martha, venha traçar no quadro negro, uma linha curva. Amalia, levante o metro dobradiço.

A. — Tenho medo, elle parece quebrado.

P. — Pois ha uma *linha quebrada* tambem; fórma-se de pedacinhos de rectas.

E á reunião de rectas e curvas, como se chamará ?

A. — Uma mistura ?

P. — Pouco falta para sêr o nome exacto. Chama-se *linha mista*.

A. — Mas, eu estou vendo um peso perto da mesa. Será ainda outra especie de linha ?

P. — Ah ! minha curiosa ! Venha erguel-o. Como fica a linha do peso ?

A. — Bem de pé. A linha recta nessa posição tem algum nome especial ?

P. — Tem, sim. Chama-se *vertical*... Que está você dizendo, Leonor ?

A. — Que ainda ha em cima de sua mesa uma coisa que não vemos bem.

P. — Não gosto que se distraiam; diga-me agora, como se chamam as linhas que têm a posição do fio de prumo, que acabámos de vêr ?

A. — Não sei, não, senhora.

P. — Pois vou repetir: *linhas verticaes*. Veja lá o que aconteceu com a sua falta de attenção ! Venha vêr agora o que queria.

A. — Para que serve essa bolhazinha no meio dessa agua ?

P. — Quando a bolhazinha está bem debaixo deste metalzinho, indica que a mesa está em posição *horizontal*.

A. — E' uma linha deitada, não ?

P. — E', sim. Falta-nos apenas uma linha entre a horizontal e a vertical. Que faz você, Dulce, quando cumprimenta as pessoas ?

A. — Inclino um pouco a cabeça.

A. — A linha se chamará — *inclinada* ?

P. — Optimo ! E' isso mesmo. Agora, temos concluido.

Repitam os nomes das linhas, apontem na pedra as diversas especies e digam como ellas são.

A. — *Recta*: uma linha bem direita.

A. — *Curva*: uma linha arqueada.

A. — *Quebrada*: uma linha composta de linhas rectas.

A. — *Mista*: uma linha composta de rectas e curvas.

A. — *Vertical*: uma linha como a do fio de prumo.

A. — *Horizontal*: uma linha deitada.

A. — *Inclinada*: uma linha pensa para um lado.

P. — Na proxima lição havemos de fazer uma série de exercicios sobre as linhas estudadas.

LINGUAGEM ESCRITA

O LIVRO

Que difficuldade encontra o professor em obter trabalhos ainda que mediocres de seus alumnos! Que carinhas desconsoladas, quando lêem no quadro-negro o titulo duma composição!

Como remediar a este aborrecimento? Si, quando se trata dum recreio, toda criança se expande, tagarélla, acha phrases e phrases sobre o mesmo assumpto — não seria acertado fazel-a falar e falar bastante sobre o titulo da composição?

Si não fôr possivel escrever nesse dia, *sem avisal-os*, deixar-se-á a composição para sêr redigida na proxima lição.

Sem avisal-os, porque achariam facil trazer de casa certos auxilios — *as cóllas*.

Pretendo que todo professor deve sêr, em extremo, sevêro para *a cólla* e os *colladores*. A criança, o alumno que *cólla*, apresentá um trabalho que não é seu; a nota não é sua tambem. E' uma especie de *mentira*, a que fica habituado. Um professor zeloso fará comprehender aos seus alumnos, qualquer

que seja a classe, que um trabalho mediocre, mas proprio, esforçado, vale mais, muito mais, do que uma *cóllo*. Além disso, o que adeanta a um alumno enganar aos outros? O enganado será elle proprio, elle o sacrificado, elle o ignorante; sahirá, talvez, da escola levando no boletim notas bonitas, porém pouco ou nenhum conhecimento dos livros que apenas copiou.

Ao professor compete o cuidado de vigiar o mais possivel seus alumnos, observar sériamente a applicação deste, a intelligencia daquelle, animar o esforçado que pouco ou nada consegue, corrigir o que apresenta *copias de cóllas*, etc.

Professor. — Quantas partes principaes você observa num livro, Romeu?

Alumno. — Duas: a capa e as folhas.

P. — Como pôde sêr a capa dum livro? Respondam-me alguns alumnos.

A. — Bonita.

A. — Colorida.

A. — Cheia de figuras.

A. — Dura.

A. — De couro.

A. — Molle.

A. — A capa pôde ter fechos dourados.

P. — E as folhas do livro?

A. — Pódem sêr grossas.

A. — Illustradas.

A. — Ter letras grandes.

A. — Ter letras miudinhas.

P. — E o papel?

A. — Sêr amarello.

A. — Fino.

A. — Ordinario.

P. — E o que se nota nas costas do livro?

A. — Ahi está escrito o nome do livro e de quem o fez.

P. — Do autor, não é? E quanto ao tamanho, que me dizem do livro?

A. — Ih! quanta coisa!

A. — Grande.

A. — Grosso.

A. — Comprido.

A. — Fino.

A. — Eu já vi livros bem pequeninos.

P. — Quantas pessoas trabalharam para fazer um livro? São capazes de me dizer?

A. — O autor primeiro, não é?

P. — Sim, exactamente.

A. — O typographo.

A. — O encadernador.

A. — Depois o dono da livraria o guardou até nós o comprarmos.

P. — Para que servem os livros?

A. — Para ensinar todas as coisas.

A. — Ha livros para dentistas.

P. — E para quem mais?

A. — Para advogados.

A. — Medicos.

A. — Pharmaceuticos.

A. — Engenheiros.

A. — Nossas historias do Brasil.

A. — Geographias.

A. — Livros que ensinam a cozinhar.

A. — Bordar.

A. — Dansar.

A. — Livros cheios de poesias.

A. — Só de historias.

A. — Cheios de viagens.

A. — Romances.

P. — Vocês gostam de livros?

A. — Eu gosto muito. Tenho em casa um livro que ensina como a gente deve andar na rua, o que se deve fazer em casa; uma porção de coisas que elle ensina.

A. — Eu gosto de lêr as historias do meu livro, quando chove e não posso brincar no quintal.

P. — Sabem que ha livros que não prestam ?

P. — Papae não quer que eu leia qualquer livro.

P. — Faz muito bem. Quem gostaria de tomar veneno em logar de beber uma coisa gostosa e boa ? Pois ha livros que pervertem a alma, corrompem o coração e exercem uma influencia má em toda nossa vida. Cuidado com os livros maus !

Falamos bastante sobre os livros; agora quero vêr como vão falar os lapis e as pennas.

Para auxilial-os escreverei no quadro negro:

Partes do livro — Capa — Folhas — Papel — Tamanho — Pessoas que trabalharam para fazer o livro — Para que servem os livros — Livros dos quaes devemos fugir.

Escrevam bem, assim como falaram, que ficarei mui satisfeito.

BOTANICA

A FLÔR

Não ha meio mais pratico e mais seguro do que ensinar, fazendo o alumno observar o que aprende. A lição torna-se mais interessante, as crianças mais animadas e o resultado é admiravel.

Para a lição sobre uma flôr completa, a rosa silvestre se presta bastante.

Será, portanto, necessario o professor munir-se de ante-mão dessas flôres e, si fôr possivel, de tantas rosas quantos forem os seus alumnos, pois assim cada qual examinará livremente as partes que fôr aprendendo.

Para que a aula tenha o cunho pratico que deve ter, o professor encaminhará a lição para o modo de cuidar das plantas, a utilidade das flôres, etc.

Si se tratar duma classe adeantada, os alumnos farão uma especie de quadrozinho de desenho, onde representarão o calice, as petalas, o pistillo, etc.

Professora. — Recebi, hoje, este bonito ramalhete e veiu muito a proposito. Porque será ?

Alumna. — Porque vamos ter uma lição sobre as flôres.

P. — Justamente. E, como tenho muitas, vou distribuil-as; cada alumna terá sua flôr para examinal-a á vontade.

A. — Poderemos guardal-a depois ?

P. — Certamente, será uma lembrança da nossa lição.

A. — Que flôr bonita !

P. — E', sim, porém não se trata da belleza da flôr mas do seu exame, do seu estudo.

Comecemos pelo cabinho que ella tem. Alguma de vocês sabe o nome proprio desse cabinho ?

A. — Eu não sei.

P. — Escutem bem. Esta hastezinha verde chama-se *pedunculo*.

E que mais vocês notam ?

A. — Um pelótinho verde.

P. — O pelótinho é uma parte do *calice*, e vocês não acham mesmo parecido com um calice ?

A. — E' verdade.

P. — Serão capazes de me dizer o nome dalguma flôr em que o calice seja bem visivel ?

A. — O cravo.

A. — O jasmim.

A. — O goivo.

A. — A flôr do feijão.

A. — E estas folhinhas que saem do pelótinho, tambem têm nome ?

P. — Têm, sim. São *sepalas*.

A. — E que bonita côr tem esta flôr !

P. — Vocês conhecem muitas côres de flôres ?

A. — Amarellas.

A. — Brancas.

A. — Roxas.

A. — Vermelhas.

A. — Ha de todas as côres.

P. — Verdes, tambem ?

A. — Eu ja vi rosas verdes.

A. — E as rosas azues ? Ha mesmo roseiras que dão essas rosas assim ?

P. — Si as verdes são naturaes, as azues são artificiaes.

A. — Como assim ?

P. — Si vocês quizerem vêr como isso acontece, vamos collocar esta margarida aqui no meu tinteiro com tinta vermelha. Verão, no fim da aula, como ella estará colorida.

A. — Mas, como se chama essa parte, a mais bonita da flôr ?

P. — Chama-se *corolla*.

Agora vejam que a corolla se compõe duma porção de folhinhas, não é ?

A. — E a senhora vae tambem contar-nos o nome ?

P. — Vou. Cada folhinha é uma *petala*.

A. — Que nomes parecidos: *sepala*, *petala*.

P. — E' preciso não confundir. Que é *sepala*, Judith ?

A. — A folhinha verde do calice.

P. — E *petala*, Olivia ?

A. — A folhinha colorida da corolla.

P. — Examinemos agora estes fiosinhos. Que nótam ?

A. — Todos têm emcima, como que uma cabecinha de alfinete.

A. — Ha uma porção eguaes. Uns amarellinhos, outros quasi pretinhos.

P. — Chamam-se *estames*. Ponham a pontinha do dedo na *cabecinha do alfinete*, como disse Alzira. Que notaram ?

A. — Ha um pózinho amarello.

P. — A cabecinha do alfinete é a *anthera* e o pózinho, o *pollen*. Guardarão ainda estes nomes ?

A. — Guardamos, sim: *anthera* e *pollen*.



EXMO. SR. DR. JOSÉ MANOEL LOBO
ILLUSTRADO SECRETARIO DO INTERIOR, A CUJA PASTA ESTÃO AFFECTOS OS NEGOCIOS RELATIVOS Á
INSTRUÇÃO PUBLICA DO ESTADO DE S. PAULO.

A. — E' esse pózinho, esse pollen, que a abelha procura para fazer a cera ?

P. — Não. A cera é produzida pelas proprias abelhas. O que ellas procuram na flôr é o *nectar* com que fabricam o mel. Nunca observaram ?

A. — Eu, já; em casa ha uma criação de abelhas.

P. — Resta-nos apenas examinar bem o centro da nossa flôr.

A. — Eu desfolhei a minha, sem querer.

P. — Não faz mal. Traga-m'a, para mostrar essa parte, que vou desenhar no quadro negro. Vocês vel-a-ão melhor.

A. — São tres partes ?

P. — São, sim. (Mostrando.) *Estyigma, estylete e ovario*. Diga-me, Olga, que é estyigma ?

A. — E' o corpozinho volumoso, na ponta do pistillo.

P. — O estylete, Laura ?

A. — E' o fiozinho duro que supporta o estyigma.

P. — E o ovario ?

A. — E' a bolinha que fica bem embaixo. Parece que está dentro do calice.

P. — Muito bem ! E' ahi que crescem as sementes para produzirem novas plantas.

A. — E o cabinho pequenino da anthera, não tem nome ?

P. — Tem, sim, minha pequena. Esqueci me delle: é o *filete*.

Mas, vejamos uma coisa importante: vocês conhecem alguma utilidade das flôres ?

A. — Servem para remedio.

P. — São capazes de me dar um exemplo ?

A. — A violeta serve para xarope.

A. — A papoula, para tosse.

A. — As flôres do sabugueiro, para o sarampo.

A. — As flôres da laranjeira dão extractos.

A. — As violetas tambem dão extracto.

P. — Sim. Mas, para que as flôres se conservem bonitas, viçosas, que é preciso fazer ?

A. — Regal-as. Tratar dellas tambem. Em casa o jardineiro diz que as flôres lhe dão muito trabalho.

P. — Pois é assim mesmo; nada se tem, nada se adquire, sem trabalho. Mas, que tom alegre dão á nossa sala estas flôres todas, vocês não acham ?

A. — Que bonito, mesmo !

P. — Tem razão. A hora da lição passou-se. Na proxima aula recordaremos o que hoje aprendemos, para depois estudarmos o fructo. Peço, áquellas que puderem, trazerem algumas fructas para examinarmos, sim ?

A. — Eu trarei, professora.

A. — Eu tambem.

P. — Pois sim. Mas não vão comel-as, antes de estudal-as, hein !



HISTORIA PATRIA

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

(CLASSE ADEANTADA)

Toda criança gosta de historias. Quanta coisa não se consegue della, uma vez que, como recompensa, se lhe prometta contar uma historia ! Porque o professor não ha de procurar pequenos incidentes, mais ou menos interessantes, para adaptar aos factos importantes de nossa Historia Patria ? Além do facto, apresentar o retrato do vulto que sobresaê, apontar no mappá o logar onde se deu o acontecimento; descrevel-o, como si o tivesse visto. E' impossivel que a criança não conserve essa historia para sempre.

Supponhamos o descobrimento do Brasil. Um mappa de Portugal, em que se veja bem claro o nome de Lisboa e o rio Tejo; o mappa-mundi, e afinal o mappa do Brasil.

Quando fôr possível, o retrato de Cabral, uma copia da primeira missa, etc.

O professor que de nada se descuida, collecciona, daqui e dalli, corta pedaços de revistas, etc., etc., e tem sempre uma ampla provisão.

Comquanto a lição de Historia se preste muitissimo a narrações, attender á criança curiosa que interroga, é sempre de excellente resultado.

Professor. — Que paiz é representado por este mappa ?
Alumno. — Portugal.

P. — Sabe, Oscar, onde fica Portugal ?

A. — Na Europa.

P. — Conhecem outros paizes da Europa ?

A. — Italia.

A. — França.

A. — Inglaterra.

A. — Allemanha.

P. — E' bastante. Qual é a capital de Portugal ?

A. — Eu sei. E' esse nome escrito em letras grandes — Lisboa.

P. — E' isso mesmo. Pois um dia houve uma festa muito grande nessa cidade.

Os sinos da ermida de Belém repicavam alegres, convidando o povo para entrar na igreja. Celebrava uma missa solemne um bispo — D. Diogo Ortiz.

Quem entrou lá nesse dia, viu o rei de Portugal assistindo á cerimonia.

A. — Como se chamava esse rei ?

P. — D. Manuel. Bem perto do rei, em pé, nos degraus do throno, estava um homem.

A. — E o nome d'elle ?

P. — Vejam este retrato.

A. — Pedro Alvares Cabral. Ih ! que barba comprida elle tinha !

A. — Que roupa exquisita ! Já faz muito tempo, não ?

P. — Faz, sim. Quando acabou a missa, até o rei D. Manuel acompanhou Cabral e a marinhagem toda para... o porto.

A. — Elles iam embarcar ?

P. — Iam fazer uma viagem para a Indias.

A. — Sahiram nesse mesmo dia ?

A. — Não; no dia seguinte, a 9 de março de 1500.

Vejam aqui no mappa-mundi por onde elles iam passando. Chegaram, no dia 14, ás ilhas Canarias.

A. — Só cinco dias depois ?

P. — Sim. E no dia 22, á ilha de S. Nicolau.

A. — Mas, eu vejo ahí tantas ilhas !

P. — Como se chama um grupo de ilhas ?

A. — Archipelago.

P. — E este chama-se archipelago de Cabo-Verde. Neste ponto desgarrou-se uma nau. Dahi em deante, dizem muitos historiadores, para evitar as calmarias da costa da Africa, Cabral afastou-se tanto e tanto, que afinal, no dia 21 de abril, percebeu signaes visiveis de terra proxima.

A. — Que signaes eram ?

A. — Hervas, primeiramente. No dia seguinte, pela manhã viram aves e pela tarde avistaram um monte.

A. — Estava descoberto o Brasil ?

P. — Estava, sim. Deram ao monte a denominação de Monte Pascoal, por sêr visto na oitava da Pascoa.

A. — Desembarcaram logo ?

P. — As naus menores puderam parar perto dum rio, mais tarde conhecido pelo nome de Rio do Frade.

A. — E as maiores ?

P. — Esperaram, até que Affonso Lopes, um piloto, costeando a terra, encontrou um excellente porto.

A. — Deram tambem logo nome ao porto ?

P. — Sim, baptizaram-n-o com o nome de Porto-Seguro. E Cabral, nesse dia 25 de abril, recebeu dois indigenas a bordo.

A. — Que fizeram depois os portuguezes ?

P. — Cortaram uma grande arvore, fizeram uma cruz, ergueram um altar e afinal todos assistiram, em terra firme, no dia 1.º de maio, á primeira missa que se disse no Brasil.

A. — Quem a celebrou ?

P. — O frade Henrique de Coimbra.

A. — Porque o Sr. disse em *terra firme*.

P. — Porque já o frade tinha celebrado outra missa, num ilhéu.

A. — Como se soube toda essa historia ?

P. — Havia na armada um escrivão que tomava nota de tudo — Pero Vaz Caminha.

A. — E o Brasil que nome teve ?

P. — Primeiro, Ilha de Vera-Cruz, porque Cabral pensou que era uma ilha; depois, Terra de Santa-Cruz.

A. — E o nome de Brasil donde sahiu ?

P. — Duma madeira que começaram logo a vender, e que era da côr da brasa. Os negociantes até se chamavam brasileiros.

A. — Como D. Manuel soube da descoberta ?

P. — Cabral mandou-lhe um aviso, dizem alguns, por Gaspar de Lemos, e, outros, por André Gonçalves.

A. — E Cabral aqui ficou ?

P. — Não, elle seguiu para as Indias.

A. — Que fez D. Manuel, quando lhe chegou a noticia do descobrimento ?

P. — O rei, contentissimo, fez annunciar a diversos paizes, essa feliz noticia.

GEOGRAPHIA

PONTO C DO PROGRAMMA DE ENSINO
PARA O 2.º ANNO

Antes de desenvolver o assumpto que constitúe objecto de nossa lição, sejam-nos permittidas algumas considerações geraes sobre ordem, disciplina e ensi-

namentos occasionaes, que devem sêr observados em toda aula do curso primario e particularmente na que óra vamos iniciar.

Ao professor, antes de começar sua aula, cumpre exigir silencio completo, carteiras cobertas sómente com as pastas, lapis e canetas nos respectivos logares; não consentir a sahida de alumnos, salvo em caso fortuito, ou urgente, e sobretudo a maior attenção possível.

E' necessario assim proceder, porquanto as crianças de hoje têm verdadeira obsessão pelo desenho, principalmente depois que appareceu a revista cinematographica — "A Scena Muda" — que fornece á crianga innumerados modelos. O professor precisa, pois, fiscalizar muito a disciplina de sua classe. No decorrer da aula não deve perder o ensejo que se lhe deparar, para estimular seus alumnos, quando obtenha delles respostas certas e claras ás suas perguntas; quando demonstrarem ter uma idéa exacta e nitida do que estão falando. Não perder toda a feliz opportunidade que encontrar, para estudar a psychologia das crianças, despertando-lhes bons sentimentos, corrigindo-lhes os maus habitos.

Antes de começar a aula, deve ainda o professor munir-se do material de que fôr precisando no decorrer da mesma. Assim, por exemplo, para dar a aula em questão, o mestre, antes de ensinar ás crianças os limites do E. de S. Paulo, precisará primeiramente fazel-as comprender o que é um *estado*. Para isso deve ter em mãos: o globo terrestre, o mappa das Americas, o do Brasil e o do E. de S. Paulo. E' preciso notar bem que nesta aula o professor vae ensinar ás crianças sómente o que é um *estado*, pois deve-se presumir aqui, que elle já tenha ensinado muito bem, a terra, suas denominações, continentes e paizes.

Professor. — Vocês prestem muita atenção. Já aprenderam no primeiro anno, e eu já ensinei aqui, que esta bóla representa o...

Alumnos. — Mundo.

P. — ou a...

A. — Terra.

P. — O mundo é formado de...

A. — Terra e agua.

P. — Como se chamam esses pedaços grandes de terra que vocês estão vendo aqui?

A. — Continentes.

P. — Muito bem! Agora você, Mario (vejam bem, só fala o Mario, ninguem mais fala!) em que continente nasceu?

A. — Eu nasci no Continente Novo.

P. — Muito bem! Adeante, João; que nome receberam as terras que formam o Novo Continente?

A. — America.

P. — Bravo! Sente-se. Você, lá embaixo, deixe o lapis, e preste muita atenção. Você, Luiz, olhe bem para este mappa das Americas. Ellas não estão divididas numa porção de pedaços de varias côres?

A. — Estão, sim, senhor.

P. — Como se chama cada pedacinho?

A. — Chama-se um paiz.

P. — Bem. Você, Milton, em que paiz nasceu?

A. — No Brasil.

P. — Então, o Brasil é um paiz da...

A. — America do Sul.

P. — Bravo, muito bem! Agora, a classe preste mais atenção ainda. Olhem bem para este mappa grande. Elle representa o nosso grande...

A. — Brasil.

P. — Justamente. Depressa, Renato, diga-me logo: o Brasil não está dividido numa porção de pedacinhos de varias côres e de diversos tamanhos?

A. — Está, sim, senhor.

P. — E sabe você como se chama cada pedacinho destes ?

A. — Não, senhor.

P. — Bem, eu vou ensinar. Todos prestem muita atenção. Sente-se, Renato. Vocês já viram que cada pedaço grande de terra em que o mundo está dividido chama-se um...

A. — Continente.

P. — Já viram que a America é um...

A. — Continente.

P. — Viram mais que a America está dividida em diversos pedaços chamados...

A. — Paizes.

P. — Aprenderam tambem que o Brasil é um...

A. — Paiz.

P. — Viram ainda ha pouco que o Brasil está tambem dividido numa porção de pedacinhos, não é ?

A. — E', sim, senhor !

P. — Agora eu vou contar a vocês que cada pedacinho que estão vendo aqui, chama-se — *estado*. Não se esqueçam: — *estado*. Como se chama ?

A. — Estado.

P. — Muito bem ! Na proxima aula continuaremos.





PEDOLOGIA

O ESTUDO EXPERIMENTAL DA CRIANÇA

(J. POIRY. — Trad.)

(*Continuação*)

O estudo experimental da criança precisa, para suas investigações, do arsenal e dos instrumentos complicados e delicados da psycho-physica, e para suas informações sobre os phenomenos da consciencia, utiliza e interpreta os attestados dos educadores, dos paes, levando tambem em conta a propria memoria das crianças. Este estudo fórma um ramo da Anthropologia, e accumula dados anthropometricos do mais elevado interesse, medindo pacientemente todas as partes do corpo duma criança nas differentes edades e nas mais diversas circumstancias de raça, condições sociaes e climatologicas.

A escola offerece um campo de investigações admiravelmente preparado ao estudo experimental da criança, e ainda que a escola não seja aparelhada para servir de typo de experiencia, a administração de varios paizes, autoriza, ainda mais, organiza investigações pedagogicas em suas escolas, com o elevado fim de que taes investigações produzam um beneficio no futuro.

A Allemanha, Belgica, America do Norte, Suecia e Dinamarca estão na vanguarda dos demais paizes quanto a esse estudo. Mr. Binet cita como exemplo a cidade de Breslau, onde os magistrados, anciosos por saber si os programmas de ensino nas escolas e lyceus de sua cidade eram exagerados e produziam fadiga intellectual aos alumnos, commissionaram, officialmente, um psychologo, para determinar o grau de cansaço intellectual experimentado pelos escolares das differentes classes no fim dum dia de trabalho.

O governo de Amberes, por iniciativa do Dr. Desguin, muniu suas escolas primarias dum laboratorio de Pedologia.

cujo director, o Dr. Schuyten, tem feito verificações muito importantes sobre a atenção, memoria e cansaço intellectual.

Em Bruxellas, os Drs. Moor e Daniel, adjuntos á escola de crianças retardarias dessa cidade, têm contribuido, poderosamente, para a methodologia especial, com suas experiencias e seus escritos nas revistas scientificas.

Graças á iniciativa official puderam emprender-se trabalhos como "O estudo experimental das crianças", publicado nos Estados Unidos, por Mr. Arthur Mac Donald, do "Bureau of Education" de Washington, um especialista de grande valor.

Mr. Mac Donald, foi autorizado a praticar uma investigação pedagogica nas escolas de Washington. Elle observou, com cuidado e vagar, submettendo milhares de crianças a numerosas experiencias, cujos resultados offerecem tanto mais interesse notando-se que esta cidade, séde do governo, reúne uma população muito heterogenea, que apresenta typos de todos os Estados da União. O autor poude, por conseguinte, entregar-se a numerosos estudos comparativos, quer sob o ponto de vista psychologico, quer sob o ponto de vista anthropologico, e deduziu abundantes conclusões imprevistas sobre o desenvolvimento intellectual paralelo das crianças da raça branca e preta, comparando ao mesmo tempo as aptidões mentaes dos meninos e das meninas.

Não entraremos nos detalhes destas conclusões, a maior parte das quaes interessariam a um especialista em anthropologia. Não obstante, algumas dellas nos parecem muito curiosas e dignas de serem mencionadas. 1.^a — Filhos de paes de nacionalidades diversas, parecem menos aptos quanto ás suas qualidades intellectuaes. 2.^a — As meninas mostram-se superiores aos meninos em seus estudos, mas entre ellas existe muito maior numero de capacidades mediocres. 3.^a — Quanto mais avança em idade um menino, menos tendencia tem a sêr um alumno brilhante em seus estudos, excepto em desenho, calligraphia e trabalhos manuaes. Existe uma extraordinaria excepção a esta regra: a criança de côr segue uma marcha contraria, isto é, quanto mais avança em idade, mais brilhantes são suas aptidões.

Os factos alcançados no trabalho de Mr. Mac Donald, não são vagas impressões. São o registro dum numero consideravel de observações classificadas em numerosos quadros e representadas em interessantes schemas.

Max Müller dizia: "Todas as sciencias naturaes começam pela analyse; passam depois á classificação e terminam pela theoria".

Em Pedologia — a sciencia natural da infancia — a analyse desenvolve-se activamente, sua classificação começa a preparar-se.

Convém evitar, não obstante, divagações philosophicas absurdas, e reunir todas as pacientes energias, para recolher e agrupar os factos que, desde logo, sejam necessarios conhecer.

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEYRAT.)

(Continuação)

A LEI PSYCHOLOGICA DA ASSOCIAÇÃO E SUA FECUNDIDADE

A lei psychologica da associação. — Associação das imagens na formação das idéas. — Papel predominante das sensações e imagens tacteis-musculares, visuaes e auditivas. — A synthese das imagens, operada pelas palavras. — Imagens verbaes. — As associações das imagens, idéas e palavras fornecendo á intelligencia todos os seus materiaes. — Como consequencia, deve-se procurar a razão da diversidade dos espiritos.

A propriedade de nossas sensações fugitivas de, por si mesmas, reaparecerem sob a fórmula de imagens, torna possivel o conhecimento, pois ahi encontra o espirito materiaes duradouros. Entretanto, elle apenas obteria fracos recursos sem a lei fundamental, que regé nossos estados de consciencia — *a lei da associação*, em virtude da qual todos os factos, simultanea ou successivamente conscientes, têm a propriedade de relacionar-se uns com os outros e isto com tanto mais força e

duração, quanto a contiguidade fôr mais viva, prolongada ou frequente, relativamente á nossa percepção.

Assim, quando minha vista se estende sobre uma paisagem, um canteiro esmaltado de perfumosas flôres; quando assisto a uma representação theatral na qual os esplendores do scenario egualam ás magnificencias da harmonia musical, meu cerebro recebe, ao mesmo tempo, uma série de impressões simultaneas que entram em cortejo e se imprimem em bloco no *sensorium*.

Estas impressões simultaneas — opticas, olfactivas, acusticas, recebidas no mesmo momento e em diferentes circumscripções ao mesmo tempo, constituem uma série de lembranças contemporaneas, que nascem e em nós se implantam; e d'ora em diante estas commoções que nasceram juntas, que foram simultaneamente formadas, vêm representar na série geral de minhas lembranças um grupo definido, cujos elementos reunidos pelos laços duma federação mysteriosa, vão viver todos a mesma vida, vincular-se uns aos outros "*para se reunirem immediatamente, assim que um dos elos fôr solicitado*."

"E" assim que a vista dum trecho da paisagem e do canteiro que agradou meu olfacto, me lembra o perfume que agradavelmente senti e até as emoções experimentadas nesse mesmo instante; e, inversamente, esses perfumes sentidos mais tarde, accidentalmente, evocarão em mim, dum modo automatico, a lembrança dos logares, do canteiro, onde foram simultaneamente percebidos; é assim que a vista de tal ou qual arranjo duma representação theatral me trará á lembrança a musica ouvida e até, si num outro meio ouvir os estribilhos que me sensibilizaram, sentirei despertar as recordações affe-rentes ao arranjo, á representação do espectáculo onde pela primeira vez ouvi esses sons musicaes."

Esta lei que domina todos os factos psychicos é da maxima importancia. Com effeito, nossas idéas concretas formam-se pelo agrupamento desse genero, por uma collecção de imagens. "Chama-se *conhecimento* dum objecto, diz Bain, a reunião de todas as sensações que esse conhecimento fornece, relativas a uma idéa complexa desse objecto."

A idéa que temos dum *shilling* é dum composto de apparencia visivel, de som e de tacto. E estas diversas imagens estão ligadas de tal sorte, que reviver uma dellas é arrastar immediatamente as outras todas; por exemplo, sómente o som da moeda, ou até a lembrança do som, basta para fazel-o renascer em nós com cada uma de suas qualidades; é de notar que economia consideravel de attenção ou de actividade o espirito realiza em suas operações.

Nossas sensações e consequentemente suas imagens, não offercem todas o mesmo interesse intellectual quando tomadas á parte ou mesmo no grupo do qual, por associação de idéas, fazem parte integrante.

Assim, não achamos nas *sensações dos orgams internos* nenhum character que permitta classificar-as ou descrevel-as; não nos concedem sinão prazer ou dôr, o que significa que o elemento *affectivo* as constitúe quasi exclusivamente.

Acontece quasi o mesmo com as *sensações do olfacto e do gosto*, cujo papel é bem modesto na sciencia, embora offerçam um certo interesse á intelligencia, pois que podemos como o chimico dellas nos servir para distinguir a natureza dos corpos.

Os sons nos offercem, pelo contrario, diversos aspectos sobre os quaes se exerce a actividade do espirito: a *intensidade*, o *volume*, o *timbre*, a *altura*; tambem dão logar a duas sciencias distinctas: a *acustica* e a *harmonia*. Além disso, desempenham um papel de primeira ordem na vida mental, quando *servem directamente ás manifestações da expressão verbal*.

Ainda mais instructivas são as *sensações visuaes* que nos fazem conhecer as *propriedades luminosas*, a *côr*, e, após a experiencia — a *fôrma*, a *grandeza apparente*, a *distancia*, o *volume* dos objectos; mas, si bem que esteja a sciencia da *optica* baseada sobre ellas, devemos-lhe um auxilio mais util, a saber, *iniciarmo-nos no pensamento de outrem mediante a palavra escrita* conservada no tempo e transmittida ao longe e, por outro lado, *exprimir tambem nossas idéas sob a fôrma*

manuscrita. Não esqueçamos seu privilegio de serem, com as sensações auditivas — as unicas *estheticas*, isto é, as unicas que nos permitem gozar as differentes artes: poesia, musica, pintura, esculptura e architectura.

(*Continúa.*)

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

I

A psychologia da criança constitúe, sem duvida alguma, um estudo muito mais arduo do que a do homem feito. Este nos dá como ensinamento as informações da consciencia, e é realmente num estudo sério dos phenomenos de auto-observação que outr'ora ella se apoiava. A experimentação nas sciencias psychologicas dotou-as de novos methodos de pesquisas que lhes renovaram e aprofundaram muitos capitulos, deixando, entretanto, ao methodo introspectivo de outr'ora um papel de grande importancia. Essa psychologia experimental foi applicada ás crianças, embóra nellas faltem completamente os documentos inherentes á consciencia.

Com effeito, ou a consciencia lhes falta por completo, ou pelo menos os vestigios que ella deixa nos são tão falhos, que não podemos nos lembrar de nossas proprias sensações sinão numa idade já avançada.

Essa psychologia é uma sciencia, antes de tudo, de observação e de deducções a obter-se de phenomenos obscuros, quer tenham séde no sujeito observado, quer no proprio observador. Além disso, esses phenomenos têm um character tão fugaz, uma tão grande falta de clareza, que torna a interpretação difficilima.

Entretanto, a experiencia, por limitado que aqui seja seu campo de acção, nos auxilia a esclarecer certos pontos deste estudo obscuro, e as obras de paciencia como as de Preyer (ci-

tando apenas um nome) estudando seu filho durante tres annos, e isto numa hora fixa, tres vezes por dia, trouxeram a essa difficuldade uma contribuição de importancia consideravel.

Mas, no que diz respeito a esse lado obscuro que torna tão difficil o estudo da psychologia infantil, esta offerece comtudo um grande interesse — o que se liga ao estudo da evolução duma intelligencia.

A criança nasce, sem contradicção alguma, desherdada, na mais completa nudez, sob o ponto de vista psychico, comparativamente com todos os animaes conhecidos, e, entretanto, deve attingir a um nivel intellectual muito superior a todos elles.

Ha, pois, e num lapso de tempo muito curto, um total formidavel de acquisições a realizar.

E' justamente nesta differença entre o automatismo inconsciente de seu apparecimento e o raciocinio superior de seu desenvolvimento perfeito, que reside o enorme interesse que sempre levou o homem a analysar o modo pelo qual sóbe seu espirito pouco a pouco os degraus desta escada psychica de cujo apice domina de tão alto a psychologia dos outros habitantes do nosso planeta.

Neste estudo da criança, duas grandes divisões pódem sêr consideradas, pois a educação e a instrucção introduzem na vida psychica da criança um elemento novo, exógeno, e que della faz um sêr menos natural que antes de sua introducção nesta vida nova. Os primeiros annos, pelo contrario, são quasi exclusivamente constituidos do ponto de vista intellectual, pelas acquisições pessoas e endógenas proprias ao individuo. Dahi dois periodos na evolução dessa intelligencia, mas não comparaveis entre si. Nesta obra apenas nos occuparemos do primeiro, que vae do nascimento a uma idade incerta, porque é eminentemente variavel conforme os individuos, mas que se póde, entretanto, arbitrariamente fixar entre o terceiro e o quinto anno.

II

O NASCIMENTO

Alguns autores esboçaram uma psychologia intra-uterina da criança; experimentaram, por outras palavras, analysar as apparentes sensações que sentiria esse pequenino sêr antes do nascimento e, portanto, no proprio seio da mãe.

Não é preciso fazer sobresaahir toda a futilidade de semelhante estudo. Si experimentamos, como acima dissemos, difficuldades consideraveis ao estudar psychicamente a criança em seus primeiros annos, numa idade em que podemos tel-a constantemente sob nossos olhos e da qual podemos ter a oportunidade de seguir as menores manifestações, como poderíamos abordar o mesmo estudo no que diz respeito ao fêto, completamente occulto aos nossos olhos e além disso subtraído a todas as excitações exteriores que o poderiam fazer reagir?...

Este fêto apenas determina sua presença por signaes pouco numerosos e difficilmente perceptíveis. E seria apenas por meio destes signaes ou suas modificações que poderíamos nos basear. Realmente, de todos os estudos feitos sobre este assumpto especial, apenas fica uma coisa mais ou menos certa: é que o fêto reage em presença das sensações de frio ou de calor; basta, como prova, collocar a mão bem fria ou bem quente sobre o ventre materno, para obter movimentos fetaes.

Ainda restaria saber si é mesmo a sensação calorifica que age sobre a criança ou uma acção simplesmente de contacto, porque parece bastante extraordinario que uma differença de temperatura possa atravessar as paredes do abdomen e as da madre e conservar ainda bastante força para influir sobre o pequenino sêr no meio do liquido no qual está immerso; doutro lado, póde sêr tambem que esta impressão thermica provoque apenas contracções do musculo uterino, as quaes, chegando ao fêto dão causa a esses movimentos.

A psychologia intra-uterina não existe, pois, ou apenas se reduz a noções muito vagas.

(Continúa.)

LIÇÕES DE COISAS

PALMEIRAS

Professor. — Lembra-se você, Augusto, da poesia que lemos hontem ?

Alumno. — Sim, senhor.

“*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá*”...

P. — Basta. Quando lemos, prometti que conversariamos hoje sobre *as palmeiras*, as elegantes rainhas das nossas matas. Nós, brasileiros, conhecemos tão bem as palmeiras, estamos tão acostumados a vê-las, que não podemos apreciar devidamente a sua belleza, avaliar a graça e magestade do seu póрте.

Serão as palmeiras todas eguaes, Antonio ?

A. — No Jardim da Luz eu observei uma porção, mas differentes.

P. — Sim; é elevadissimo o numero de variedades de palmeiras existentes no Brasil. Algumas tão altas, tão esbeltas e outras mais baixas, mais volumosas. Até aqui temos falado só na belleza das palmeiras. Será que ellas são uteis, ou serão, como muita gente bonita, que não tem serventia ?

A. — Servem para os sabiás fazerem os seus ninhos e ahí cantarem.

P. — Sim, como diz Casemiro de Abreu, nellas se abrigam os sabiás... Já é alguma coisa. Mas, o que ha mais ?

A. — Alguem me disse que o palmito sae duma palmeira.

P. — E' verdade. O palmito vem duma palmeira. Para tiral-o, costumam derrubar a arvore.

E' tão gostoso o palmito, mas é pena sacrificar uma palmeira toda por causa dum palmito ! Você não acha, Arthur ?

A. — E', sim, senhor.

P. — Mas vamos vêr o que é que a palmeira, isto é, uma variedade de palmeira, nos dá sem sacrificio ?

A. — Eu não sei.

P. — Você não gosta de cocada ?

A. — Ah ! Eu sei. E' o côco.

P. — E' isso mesmo. O côco é a noz do coqueiro, especie de palmeira.

Será só para cocadas e doces que o côco é aproveitado ?

A. — Ha sabonetes de côco, que são muito bons para a pelle.

A. — Tambem se faz com elle a manteiga de côco.

P. — E aquellas fibras que o côco tem por fóra, não serão utilizadas ?

A. — (?)

P. — Nunca ouviram dizer: capacho de côco ? Pois essas fibras são usadas para fabricação de capachos, escovas, cordas, etc.

As ripas de coqueiros são usadas com grande vantagem nas construcções, especialmente nos tectos.

O coqueiro é uma das nossas riquezas até hoje pouco exploradas e donde poderia vir grande proveito, pois basta dizer que se pôde avaliar em cem milhões o numero de coqueiros que existem nas praias do norte do Brasil. E isto sem sêr necessario plantal-os.

A. — Oh ! que abundancia, que riqueza !

P. — Agora, vamos falar duma palmeira que talvez vocês não conheçam, mas que precisam conhecer, pois sua utilidade é enorme. E' a *carnaúbeira*, com razão appellidada a "providencia do sertão". Cresce espontaneamente nas florestas e margens dos rios, entre Pernambuco e Maranhão. Em Mato-Grosso tambem encontra-se a *carnaúbeira* com o nome de *carandá*.

Tem a vantagem de resistir ás maiores seccas e a sêr aproveitada em todos os seus elementos. Das suas folhas se extrae uma cera empregada na fabricação de velas; a madeira é empregada na construcção; as raizes possuem qualidades depurativas; as folhas servem para cobrir choupanas; a fibra

é utilizada na fabricação de chapéus, esteiras e redes; as fructas são excellente alimento; e o interior da haste das plantas quando novas, fornece uma farinha nutritiva. Quanta coisa!

A. — E' verdade! Que planta preciosa!

P. — Não ha no mundo todo, exemplo doutro vegetal mais util.

Noutra lição falaremos mais detalhadamente sobre as nossas bellas palmeiras.

BORRACHA

A SERINGUEIRA

Professor. — Que emprega você, Armando, para apagar um algarismo numa conta errada, ou um desenho que ficou mal feito?

A. — Eu uso a borracha.

P. — Sim, a borracha que vocês todos querem tanto, e gostam tanto de usar.

Quem será capaz de me dizer o que é a borracha, e donde ella vêm?

A. — A borracha é um producto vegetal.

P. — Como é isso, então? A borracha cresce numa arvore, é fructa?

A. — Eu não sei como é.

P. — Ninguem sabe?

A. — (?)

P. — Então, ouçam. A borracha é producto vegetal, sim. E' extrahida duma enorme arvore chamada *seringueira*.

Algun de vocês já viu uma seringueira?

A. — Eu ja vi.

P. — Onde foi que você viu uma seringueira?

A. — Aquellas arvores grandes que ha na Praça João Mendes, são seringueiras. Mas eu não sabia que a seringueira dá a borracha.

P. — Sim; a borracha é extrahida das seringueiras, tão abundantes nas vastas florestas do norte do Brasil, na

região denominada Amazonia. Essas arvores chegam a ter de 20 a 30 metros de altura e duram cem annos.

Aqui no sul nós temos seringueiras só quando as plantamos, mas lá ellas são nativas, crescem sem serem plantadas. A uma floresta de seringueiras chama-se um *seringal*.

Mas, vamos vêr, que parte da planta será que dá a borracha ?

A. — Será o caule ?

P. — Não é o caule. E' o *latex*, isto é, o leite. Nunca repararam como dalgumas plantas, quando cortamos o seu caule, sae um leite ?

A. — Eu, já. A figueira dá um leite pegajoso.

P. — Pois o leite ou *latex* da seringueira também é gommoso. Para se obter a borracha, fazem-se córtes nos caules das seringueiras e ahí se depositam umas especies de canequinhas, para recolher o succo leitoso. Primeiramente este succo é coagulado pelo calor do fogo ou por meio de substancias chimicas, até se transformar em substancia sólida. Esta, depois de lavada, enrolada e secca, constitúe a borracha.

A. — Será só a seringueira que tem esta substancia leitosa que se transforma em borracha ?

A. — A figueira também não dá borracha ?

P. — Não. A figueira não dá, mas ha uma arvore fructifera que dá: é a *mangabeira*. Alguem conhece a mangabeira e o seu fructo a *mangaba* ?

A. — Eu não conheço.

P. — E' pena, pois é uma fructa deliciosa e ha nos campos do nosso Estado. A mangabeira não é tão grande como a seringueira, e a borracha que della se extrae é inferior á da seringueira.

No norte do Brasil ainda ha a *maniçoba* e o *cauchú* que também dão borracha, isto é, *latex* que póde sêr transformado em borracha.

Mas, será só para vocês usarem, que a borracha serve ?

A. — Os pneumaticos dos automoveis são feitos de borracha.

A. — Os carimbos.

A. — As bolas, bonecas e outros brinquedos.

A. — Os saltos e as solas dalguns sapatos.

A. — As capas impermeaveis têm borracha.

A. — E as mangueiras com que irrigamos os jardins.

P. — Vejam quanta coisa ! Saibam ainda que a borracha é muito util á cirurgia.

E' no meio das nossas immensas florestas, cada vez mais afastadas dos rios, que os naturaes vão buscar esse *latex* precioso, que produz tres quintas partes da borracha consumida pelas differentes industrias.

Só nos pneumaticos, quanta borracha não vae !

A. — Só aqui, em S. Paulo, professora, onde ha milhares de automoveis !

P. — Exactamente. Imaginem, agora, a quantidade de borracha consumida no mundo inteiro !

OS ÓLHOS

Professora. — Porque você colloca o livro tão perto dos olhos, quando lê, Alice ?

Alumna. — Não posso lêr de longe.

P. — E' um defeito que precisa sêr corrigido.

A. — Só usando óculos, não é verdade ?

P. — E', sim. E sabe quaes são as pessoas que usam óculos ?

A. — As pessoas de vista cansada.

P. — Sim, e tambem os myopes, os presbytas, etc.

A. — *Myopes* ?!

P. — *Myopes*, isto é, aquelles que só enxergam muito de perto.

A. — E *presbytas* ?

P. — São as pessoas que só enxergam bem de longe.

A. — Como o vovô, que põe o jornal longe de si quando o lê ?

P. — E' isso mesmo, Laura. Para essas pessoas todas ha óculos especiaes.

A. — E a senhora podia nos contar quem inventou os óculos ?

P. — Isso, mais tarde. Agora falaremos só da vista e por isso pergunto: — Quantas partes você nota num olho, Leonor ?

A. — Duas, não é ?

P. — Veja bem.

A. — Um circulozinho bem preto, depois um outro redondo mais claro — azul, castanho, ou verde — e, afinal, uma parte branca.

P. — Estou satisfeita; agora vamos aprender os nomes dessas partes.

O circulozinho, conhecido por “menina dos olhos,” se chama *pupilla*.

A parte colorida — verde, azul, ou castanha — chama-se *iris*, e a branca, *esclerótica*.

Os nossos olhos são muito delicados, e para protegê-los temos auxiliares. Quaes são ? Sabem dizer ?

A. — São as palpebras.

A. — As pestanas.

A. — As sobranceiras.

P. — Muito bem ! Ha muita coisa ainda a respeito da vista, porém fico satisfeita si guardarem bem a nossa lição de hoje. Amanhã continuaremos.

O CÃO

Professor. — Quero hoje que Antonio escolha o animal de que elle mais gosta.

Alumno. — O meu animal predilecto é o cachorro.

P. — O cachorro, ou melhor, o cão, é um bom animal. Eu gosto bastante dum que tenho em casa. Porque será que nós queremos tanto aos nossos cães ? Que fazem elles para que lhes dediquemos amizade ?

A. — Guardam as nossas casas.

A. — Elles são bons companheiros nos nossos brinquedos.

A. — Acompanham e auxiliam o homem nas suas caçadas.

A. — Alguns aprendem a carregar cestas, bengalas, etc.

A. — Eu tenho um cachorrinho rateiro.

P. — Ninguem conhece o cão policial? Que será que elle faz?

A. — Ajuda a policia na perseguição e prisão de criminosos.

P. — Quem conhece um cão que é muito grande?

A. — Eu conheço, eu conheço.

P. — Como se chama essa especie de cães?

A. — Terra-Nova.

P. — Esse cão recebe o seu nome do lugar donde veiu. Na Terra-Nova elle é utilizado para puxar, ás vezes, grandes cargas. Na Hollanda e na Belgica vêem-se cães puxando carrocinhas com leite e verduras. E o cão não guarda os rebanhos?

A. — Sim, elle é um bom amigo do pastor.

P. — Agora, quero saber o nome duns cães que soccórrem as pessoas perdidas na neve.

A. — Eu vi um, num livro que meu irmão estava lendo.

P. — Como se chamam? Sabem?

A. — Eu não me lembro.

P. — Pois eu vou lhes contar. São chamados cães de S. Bernardo. Estes, são, sem duvida, os mais admiraveis dos cães. São grandes e fortes animaes, que vivem nos Alpes. Elles pertencem e são educados pelos monges dum mosteiro chamado "S. Bernardo."

Quando ha tempestade, saem á procura dos pobres viajantes perdidos na neve. No silencio das grandes montanhas, o seu latido pôde, então, ser ouvido de muito longe. Os bons monges vão para o ponto donde partem os latidos, soccorrer o viajante enregelado.

Ha uma infinidade de especies e raças de cães, mas elles todos têm uma coisa commum: todos elles, grandes ou pequenos, affeçoam-se aos seus donos e bem merecem o cuidado e amizade que lhes dedicamos.

A CANNA DE ASSUCAR

P. — Hoje vamos ter uma lição de que vocês vão gostar muito. Quasi que eu ia dizendo: uma *lição gostosa*. Quem é que não gosta de assucar?

A. — Oh! professora! sou louco por assucar!

P. — Ah!... Então, Alberto, pôde me contar donde vem o assucar?

A. — O assucar não é tirado da canna?

P. — Sim, e por isso essa planta é chamada canna de assucar.

O assucar é encontrado nas fructas; na seiva de muitas arvores; no nectar de milhares de flôres; mas são a beterraba e a canna que fornecem o assucar que compramos. Sabe você, Arlindo, onde cresce a canna de assucar?

A. — Cresce aqui no Brasil.

P. — Não só aqui, como em outros paizes. O nosso Estado produz muita canna de assucar. E o que mais nos dá a canna?

A. — A garapa.

A. — A rapadura.

A. — A aguardente.

A. — O melado.

P. — Vejam só quanta coisa boa a canna de assucar nos fornece!

Depois que o caldo é retirado, o bagaço da canna serve de forragem para os animaes. Triturado, serve ainda de adubo.

Hoje, a industria assucareira é uma das mais importantes do mundo. Mal poderíamos viver sem o assucar. Como não seria desagradavel tomar o nosso café ou chá, sem assucar!

O ASSEIO E O VESTUARIO

Professora. — Que diriam vocês, si Amelia viesse á aula despenteada ?

Alumna. — Que ella era uma menina sem gosto.

P. — E si Maria me trouxesse uma flôr, com as mãos cheias de lama ?

A. — Que a senhora nem poderia pegar a flôr.

P. — Vamos vêr como devem vir as meninas ao Grupo ?

A. — Com os cabellos bem penteados.

A. — Com a cabeça limpa.

A. — Com o rosto e as mãos bem lavados.

A. — Sem rasgões nos vestidos.

A. — Sem a combinação suja.

A. — Sem a saia debaixo apparecendo.

A. — Com o vestido bem lavado e bem passado a ferro.

A. — Com os sapatos bem escovados.

P. — Não esqueceram dalguma coisa ?

A. — Do asseio dos dentes.

P. — Porque se deve escovar bem os dentes ?

A. — Para não ficarem feios, escuros, esburacados; para com elles, principalmente, mastigarmos bem os alimentos, coisa muito necessaria para a saúde.

P. — Falta, entretanto, uma limpeza, para sêr nomeada.

A. — Eu sei. As unhas.

P. — E' bonito uma menina roer as unhas ?

A. — Não, senhora. Unha não é comida.

P. — Não ha alguém na classe que ache gostoso chupar o dedo ?

A. — Não, senhora. Só as criancinhas é que chupam os dedinhos.

P. — Quando deve uma menina asseada lavar as mãos ?

A. — De manhã, ao levantar-se; mas não só as mãos, como tambem o rosto, as orelhas, o pescoço.

P. — E durante o dia, não é preciso ter cuidado das mãos ?

A. — Sim, senhora. Devemos laval-as antes e depois das refeições, quando chegamos da rua, quando pegamos em dinheiro, etc.

P. — Muito bem !

A. — A senhora acha bonito ter as unhas polidas ?

P. — Francamente, não. Penso sempre que essa menina pouco ou nada ajuda a mãe nos trabalhos domesticos, porque tem medo de estragar o polimento.

A. — Mas, não é luxó tambem andar de sapatos brilhando ?

P. — De modo algum; até é economia. O couro dura mais, sendo sempre engraxado; não se parte tão facilmente.

E' preciso que vocês não confundam vaidade com asseio e ordem.

Uma menina que encrespa os cabellos, é vaidosa, e póde sêr que sob os cabellos encrespados dalguma vaidosa haja... algum vivente... Entretanto, é asseio, é ordem, pentear os cabellos e penteal-os bem.

O mesmo direi dos vestidos. Pouco importa que sejam de seda, de linho ou de algodão; enfeitados ou não; uma vez que estiverem sujos, manchados, a menina não tem asseio.

Admiro as peças bem remendadas; dão impressão duma economia, duma paciencia admiravel, conforme o trabalho feito.

Que diriam vocês, si percebessem debaixo dum vestido de seda, a roupa branca da côr da terra ? E' luxó ou falta de asseio ter cuidado com a roupa branca ?

Penso que me compreenderam, e é quanto basta por hoje.

Antes, porém, uma ultima pergunta. Porque mais precisamos ter sempre o corpo e o vestuario asseitados ?

A. — Para a boa conservação da nossa saúde.

P. — Muito bem, Amelia !



ANIMAES UTEIS

O CARNEIRO

Professor. — Alberto, do que é feito o seu sobretudo ?

Alumno. — Meu sobretudo é feito de lã.

P. — E a lã é como o algodão, que cresce num arbusto ?

A. — Não, senhor; a lã cresce nos carneiros.

P. — Sim; são os carneiros os fornecedores da lã; são, por isso, animaes muito uteis. Que é que fazemos da lã, Antonio ?

A. — Fazendas.

P. — Que mais, Arthur ?

A. — Cobertores.

P. — Tudo quanto nos agazalha contra o frio é feito de lã. Aqui ainda não precisamos tanto da lã, mas nos paizes onde o inverno é rigoroso, os carneiros são verdadeiros hemfeitores.

A. — Mas, não será maldade, tirar-lhes a lã, para com ella nos agazalharmos ?

P. — Não é, porque tiram a lã do carneiro no verão, quando não lhe faz falta.

A. — Ah ! isso, sim.

P. — Você sabe, Augusto, como se chama o cortar a lã do carneiro ? Não sabe ? Ninguem sabe ?

A. — (?)

P. — Chama-se *tosquiar*.

O córte chama-se *tosquia*, e os homens que fazem esse serviço chamam-se *tosquiadores*.

O carneiro foi um dos primeiros animaes domesticados pelo homem, e a conversão da lã em tecidos, uma das primitivas industrias.

A. — E depois da tosquia ?

P. — A primeira coisa que se faz com a lã, depois da tosquia, é laval-a e tirar os carrapichos e outras substancias estranhas de que sempre está cheia. Depois, é cardada e fiada.

A. — Cardada ?!

P. — Sim, quer dizer: desembaraçada, penteada com pentes apropriados. É o que mais nos dá o carneiro, além da lã?

A. — Usamos o seu couro.

P. — Sim, o seu couro é aproveitado para o fabrico de luvas, capas de livros, etc. Também nos fornecem as cordas dos violinos. Comemos a sua carne e aproveitamos o seu sebo.

A. — Ha muitas especies de carneiros?

P. — Ha dezenas de variedades de raças de carneiros. Alguns têm lã muito comprida; outros têm a lã curta e espessa. O carneiro de lã mais comprida é o *merino*, da Hespanha. A Australia é o paiz que fornece a maior parte da lã com que nos agazalhamos.

A. — E aqui no Brasil trabalha-se com a lã?

P. — Esta é uma industria ainda pouco desenvolvida no Brasil. Sómente os estados do Sul — Rio Grande do Sul, Sta. Catharina e Paraná contam alguns rebanhos.

A. — *Rebanhos*?!

P. — Rebanhos, isto é, grandes agrupamentos de carneiros.

As condições vantajosas que offerecem as nossas pastagens fazem prevêr que, em breve, essa industria terá entre nós grande desenvolvimento.

O MILHO

Professora. — Vejamos, meninas, como fizeram o exercicio que lhes dei hontem, e quantas trouxeram amostras de cereaes.

Luiza. — Eu trouxe um punhado de cevada, que a mãe costuma ter em casa.

Olga. — Eu consegui estes grãos de trigo, que o papae trouxe do Rio Grande do Sul.

Elza. — Eu trouxe arroz de varias especies.

Rita. — Eu tambem trouxe arroz.

P. — E você, Esther, esqueceu-se do que eu pedi ?

Esther. — Não, senhora; trouxe esta espiga de milho, mas parece que não é cereal; é uma espiga.

P. — Como, não é cereal ?

Esther. — As collegas trouxeram grãos e...

P. — Ora, a tolinha ! Pois, debulhando a espiga, você não terá um punhado de grãos, como suas collegas ?

Esther. — É verdade, professora.

P. — O milho é cereal, e fico muito satisfeita por você tê-lo trazido sem debulhar. Assim, teremos uma boa idéa sobre espiga. Agora, respondam-me: quem já viu um pé de milho ?

Nair. — Eu já estive numa roça de milho. O pé de milho é uma planta alta, mais alta que um homem, e tem folhas compridas e estreitas.

P. — Fale outra menina.

Cecilia. — E a haste se parece com a da canna.

P. — Continúe, Alice.

Alice. — Eu também já estive numa roça de milho, onde vi espigas com milho branco; outras com milho vermelho; outras, amarello.

P. — Isso mesmo. Ha diversas especies de milho. É um excellente alimento. Nos Estados Unidos o seu uso é muito commum nas mesas.

Olga. — Não é do milho que se faz farinha ?

P. — É, sim, e quanta coisa não faz a cozinheira da farinha e do fubá também !

Julia. — É mesmo, professora; a cozinheira lá de casa faz cada bolinho !...

P. — Esplendidos, não ?

Julia. — Nem fale !

P. — Pelo que vejo, a menina gosta de bolinhos. Está bem; coma sempre desses bolinhos, mas não vá comel-os de mais !

Julia. — Não, não; isso eu não faço; não quero ficar doente.

P. — Bom, minha tagarellinha, basta. Você, Ruth, que está fazendo ahí ?

Ruth. — Estou procurando um embrulho que ainda não lhe mostrei; é milho verde que eu trouxe.

P. — Milho verde? Que bom! E o que se faz do milho verde, *Ophelia*?

Ophelia. — Oh!... tantas coisas gostosas: o curau, a pamonha, a sopa, o viradinho, etc., sem falar do quanto elle é bom assado ou cozido.

P. — Bravo! falou bem. Agora, você, *Dóra*. Que se nota na espiga, além dos grãos?

Dóra. — O sabugo, o cabelo, a palha.

P. — Sabem para que serve o sabugo?

Rita. — Eu sei. Nos sitios, o sabugo é esplendido para atear fogo, servindo tambem para isso as hastes seccas.

P. — Outra menina.

Ignez. — A palha escolhida é usada para fazer cigarros.

P. — E para mais nada serve? Quem sabe?

Guiomar. — Muita gente enche colchões com palha de milho.

Diva. — E do cabelo de milho minha irmãzinha faz tranças para suas bonecas de panno.

P. — Mas, o cabelo de milho só terá essa utilidade? Quem me responde?

Alumnas. — (?)

P. — Vão saber. E' usado em chás, como excellente diuretico.

Esther. — E' verdade que o milho é planta indigena?

P. — Sim. Quando o Brasil foi descoberto, o milho já era aqui encontrado.

Sára. — Professora, o milho dá em todos os paizes?

P. — Não; nem todos os climas se prestam para o seu cultivo, razão pelo qual muita procura tem este cereal, um dos mais uteis alimentos.

Por hoje, basta. Ainda falaremos a respeito do milho.



O CAFE'

Professora. — Que é que você toma de manhã, logo ao levantar-se, Armando?

Alumna. — Eu tomo café.

P. — E você, Augusto?

A. — Eu também tomo café com leite.

P. — E todos da sua casa tomam café?

A. — Tomam, sim, senhora.

P. — E quando temos uma visita a quem queremos sêr amáveis, o^o que lhe offerecemos quasi sempre?

A. — Mamãe offerece café.

P. — Já vêem vocês que o café é a nossa bebida preferida; podemos mesmo dizer — é nossa bebida nacional. Você sabe, Alberto, onde cresce o café?

A. — O café cresce no cafeeiro.

P. — Sim; e uma plantação de muitos cafeeiros, chama-se *cafezal*. Ha cafezaes no Brasil?

A. — Sim, ha muitos.

P. — Especialmente no nosso Estado, onde existem cerca de 872.000.000 de cafeeiros produzindo.

O cafeeiro é originario da Arabia e dá-se bem em todas as regiões quentes.

Conta-se que as propriedades desta fructa tão util, foram descobertas por um monge pastor, que guardava rebanhos de cabras, na Arabia. Reparou que as cabras gostavam muito das sementes de certo arbusto, e que depois que as comiam ficavam mais alegres, mais espertas e pulavam mais do que do costume. Fez infusão das sementes e a experimentou, reconhecendo as propriedades do café. Seu uso introduziu-se no mosteiro e mais tarde tornou-se universal.

O café activa o espirito e ajuda a digestão. E' empregado muitas vezes pela medicina. Tomado em excesso, porém, póde prejudicar a saúde. Quem de vocês, conhece um cafeeiro?

A. — Eu conheço. Eu já estive numa fazenda de café, onde havia cafezaes que se perdiam de vista.

P. — Então, você, Antonio, vae nos dizer: o cafeeiro é uma arvore grande ?

A. — Não, senhora, é arbusto.

P. — Sim, mas um arbusto bem desenvolvido. Que especie de folhas tem o cafeeiro ?

(E' de grande proveito mostrar á classe um ramo de cafeeiro.)

A. — Tem folhas lisas e brilhantes.

P. — Muito parecidas com as folhas do jasmim do Cabo, não são ?

A. — São, sim, senhora.

P. — E as flôres do cafeeiro ?

A. — As flôres são brancas. Muito cheirosas.

P. — Agora, vamos ao mais importante: os fructos do cafeeiro, como são ?

A. — Os pés de café produzem muitas fructinhas que são verdes primeiro, depois vermelhas e emfim quasi roxas, quando amadurecem. Ficam, então, bem doces.

P. — E você abriu alguma fructa, para vêr como é dentro. (Aqui convem abrir uma fructa de café, mostrando como as duas partes se ajustam.)

A. — Cada fructinha tem duas partes, duas sementes.

P. — Agora, vamos imaginar que o café está bem madurinho; que é que o fazendeiro vae fazer, ou antes, mandar fazer ?

A. — Colhel-o.

P. — Sim, e é nesse serviço que se occupam milhares de pessoas, homens, mulheres e até crianças. E depois de colhido ?

A. — Vae seccar num logar apropriado, que se chama *terreiro*.

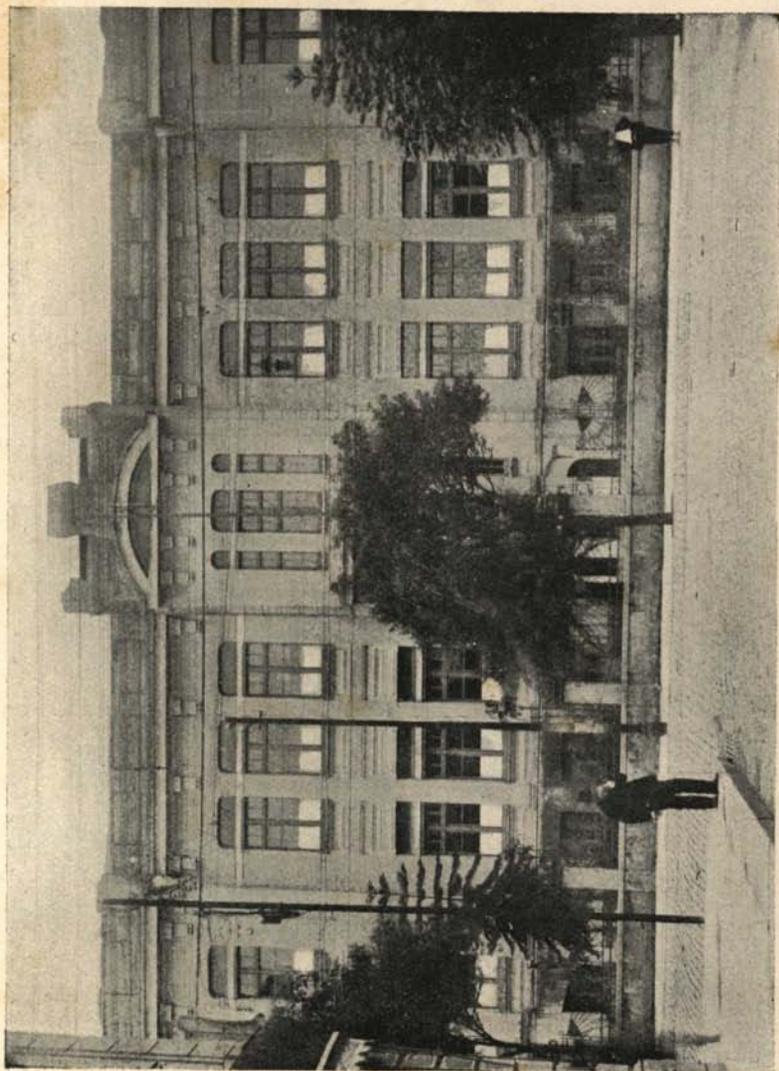
P. — E depois ? Você, Antonio, que já viu como é que se faz, póde contar aos seus collegas.

A. — Quando está bem secco, despolpa-se o café.

P. — E o que é despolpar ?

A. — E' separar os grãos das cascas.

P. — E depois de despolpado e limpo ?



ESCOLA NORMAL DO BRAZ — CAPITAL

A. — Passam-n-o por uma machina, que separa o café, segundo o tamanho e formato.

P. — E' assim que temos *café moka*, o *chato grosso*, o *chato commum*, o *chato miúdo* e o que chamam *escolha*.

E então está prompto para sêr ensaccado e mandado para fóra o café que não vae ser bebido aqui. Pelo porto de Santos saem todos os dias muitos navios levando milhares de saccas do nosso café. Mas, para beber estará elle prompto ?

A. — Ainda não. E' preciso torrar o café, até que os grãos fiquem duma côr castanho-escura e com cheiro agradável.

P. — Ha muitas maneiras de torrar o café e não é coisa facil saber o *ponto*, como se diz, em que o café está prompto. Já está torrado o café. Poderemos bebel-o ?

A. — Ainda não. Agora é preciso sêr moido.

P. — Ás vezes é o café moido em moinhos; ás vezes em pilões, que é o systema antigo.

O café paulista representa um terço da producção mundial.

Elle é o nosso ouro, o principal factor da nossa prodigiosa renda estadual.

O FEIJÃO

Professor. — Vamos, hoje, observar o grão de feijão que plantámos ha dias e que já brotou.

Alumno. — Aqui está o vaso e um canivete bom para arrancarmos a plantinha com cuidado.

P. — Prompto. Podemos examinal-a. Que notam nesta plantinha ?

A. — Uma parte branca, a *raiz*, não é ?

A. — Parece um dedo fininho.

P. — E', sim, a raiz.

A. — Depois ha duas folhinhas grossas, meio amareladas.

P. — Essas folhas grossas são os *cotyledones*. Abram estes grãos de feijão. Quantas partes têm ?

A. — Duas.

P. — Pois essas partes que aqui estão, servem para alimentar a planta, até que ella possa retirar do solo o que necessita para viver.

A. — Todas as plantas têm sementes desse geito ?

P. — Não. O milho, por exemplo, tem um só *cotyledone*. Mas, vejam aqui umas flôres que lhes trouxe.

A. — São flôres de feijão.

A. — Como são bonitas ! Parecem-se com as ervilhas de cheiro.

P. — Pertencem á mesma familia. Mas, vejamos as petalas desta flôr.

A. — São muito differentes umas das outras.

P. — E têm nomes exquisitos essas petalas. Eu lhes conto, e vocês hão de acertar a applicação desses nomes: *Estandarte*, *carena*, *azas*.

A. — *Azas* são as duas petalas de lado.

A. — *Estandarte* é a maior, mais erguida.

A. — *Carena* é a debaixo, naturalmente.

P. — Muito bem ! Acertaram. Conhecem muitas especies de feijão ?

A. — Feijão manteiga.

A. — Feijão carrapatinho.

A. — Feijão das aguas.

A. — Feijão mulatinho.

P. — E' bastante; ha devéras muitas especies de feijões em ramas e os anões.

A. — Póde-se plantar feijão em qualquer tempo ?

P. — Geralmente planta-se em setembro e em janeiro ou fevereiro. Como é que se planta, vocês sabem ?

A. — Eu sei. Em linha recta fazem-se cóvas distantes um passo uma da outra, e nessas cóvas pouco fundas jogam-se tres a quatro grãos de feijão e põe-se um pouco de terra em cima.

P. — E espera-se que o feijão dê ?

A. — Não, senhor. E' preciso carpir duas vezes: a primeira quando já começa a crescer bem; a segunda quando apparecem as flôres, e então chega-se terra nos pés.

P. — Muito bem, meu agricultor ! E quanto tempo levará o feijão para dar ?

A. — Isso eu não sei. Nunca reparei.

P. — Quatro mezes e pouco. Quem sabe como se colhe o feijão ?

A. — Arrancam-se os pés com cuidado e levam-se todos ao terreiro, onde ficam expostos ao sol até serem batidos.

P. — Vocês sabem que o feijão, para sêr ensaccado deve estar bem secco ?

A. — Eu sei; si não fôr assim, apparecem os carunchos.

A. — E porque será que se planta um tal *feijão de porco* nos cafesaes ?

P. — Porque elle é um dos melhores adubos. Tambem se planta nos cannaviaes.

A. — E' verdade que em vez de colhel-o se o enterra ?

P. — E', sim. Em tres mezes a planta está completamente desenvolvida; é então tempo de sepultal-a, servindo como excellente adubo ao cafesal ou ao cannavial onde foi plantada.

A BANANA

Professor. — Hoje vamos conversar sobre uma fructa. Diga você, Antonio, qual é a fructa que você acha que ha mais no Brasil ?

Alumno. — A laranja.

P. — Sim; ha muita laranja, mas ha outra fructa que abunda mais. Qual é ?

A. — E' a banana.

A. — Eu prefiro a banana ás outras fructas.

P. — Porque é que você prefere a banana ?

A. — Papae diz que a banana sustenta muito.

P. — Sim; a banana é muito nutritiva; é um excellente alimento, tanto para os homens como para os animaes. Uma só dessas fructas, bem desenvolvida, corresponde a vinte grammas de carne, com a vantagem de sêr a sua digestão feita na terça parte do tempo que leva a carne.

Alem disso, essa fructa tem em seu favor a grande abundancia que della ha no nosso paiz, pois é rara a propriedade, grande ou pequena, que não possúa ao menos algumas touceiras de bananeiras. Como se chama a planta que dá a banana ?

A. — Chama-se bananeira. As bananeiras crescem em touceiras, isto é, grupos.

P. — E uma plantação de bananeiras ?

A. — Chama-se bananal.

P. — Nunca repararam vocês, quando se vae chegando perto de Santos, a grande extensão de terreno que occupam os bananaes ?

A. — Eu reparei. Em Guarujá tambem ha muitos bananaes.

P. — A bananeira é planta de clima quente e humido. Foi para aqui trazida da Africa. Por se dar bem nos logares quentes e humidos, é que produz tão bem no nosso littoral. E' de cultivo muito simples. Basta limpar duas vezes ao anno e cortar toda a bananeira de que já se colheu o fructo. Do que, porém, a bananeira não gosta é da geada. Que especies de bananas conhecem vocês ?

A. — A banana ananica.

A. — A banana maçã.

A. — A banana da terra.

A. — A banana São Thomé.

A. — A banana ouro.

A. — A banana prata.

P. — São mais duma dezena as especies de bananas cultivadas em São Paulo. A mais cultivada para exportação é a banana ananica, tambem chamada *italiana*. Conhece você, Arthur, a bananeira ananica ?

A. — Sim. E' uma bananeira baixa; dá cachos grandes que ás vezes se arrastam no chão.

P. — Alguns cachos chegam a ter 300 fructos e a pesar até 60 kilos. Mas, será só como fructa que a banana é utilizada ?

A. — Tambem serve para se fazer bananada.

P. — E o que mais ?

A. — Farinha de banana.

P. — Sim; della tambem se faz uma bebida fermentada, chamada vinho de Cayena.

Em Cuba, um fabricante de farinha de bananas, deu uma vez um jantar em que quasi tudo era producto da bananeira: até a toalha e os guardanapos !

A seiva tem propriedades medicinaes, empregadas no tratamento da tuberculose.

O talo é alimento de animaes: vaccas, porcos, etc.

Fazem-se rendas finissimas de fibra de bananeira.

A bananina entra na composição de grande numero de vernizes.

Eu disse que a banana ananica é cultivada para exportação. Que quer dizer isso, sabe, Alberto ?

A. — E' para mandar para fóra do paiz.

P. — A banana tornou-se uma fructa de consumo universal e, consequentemente, de grande commercio. Como só produz nos logares quentes e a gente dos logares frios gosta de comer a banana, navios, canoas e estradas de ferro encarregam-se de transportal-a em grande escala.

Na America, não ha paiz que não consuma a banana. A Argentina é a nossa melhor fregueza. Ella consome annualmente varios milhões de cachos. O Uruguay tambem nos compra, mas muito menos. Na Europa, ha annos atraz, era considerada fructa de luxo; hoje em dia não o é.

Actualmente, a cultura industrial faz-se apenas nas immediações de Santos, São Vicente, Paranaguá e Florianopolis.

A exportação total de bananas pelos portos brasileiros é de dois a tres milhões de cachos, cujo valor foi approximadamente de dois a tres mil contos de réis. O que é preciso é sómente mais cuidado com o seu acondicionamento, para que chegue ao seu destino em melhores condições, e a banana será, então, um grande recurso economico, especialmente para os pequenos agricultores.

METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO SUA NATUREZA E ELEMENTOS

(TOMPKINS. — Trad.)

(Continuação)

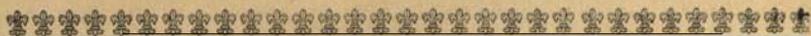
Natureza particular. — 1. Mesmo que a mente do professor e a do alumno dêem os mesmos passos no processo educativo e no de aprendizagem, deve haver a differença essencial que faz dum, o processo de ensinar e doutro, o de aprender. A differença consiste nisto: enquanto o alumno estuda o assumpto em discussão, o professor estuda o processo que o alumno applica estudando o assumpto. Por exemplo, ha um certo numero de passos fixos mentaes necessarios por parte do alumno para conceber a idéa do adjectivo: 1.º — elle percebe; 2.º — imagina; 3.º — compara e estabelece contrastes; 4.º — raciocina; 5.º — generaliza.

O alumno precisa passar por estas fórmãs de actividade, mas elle não tem consciencia do movimento. Todo o seu esforço consciente está concentrado no assumpto em questão. Elle diz: eu encontro isto, isto e isto no assumpto; não que eu agora esteja percebendo, imaginando, etc.

O professor precisa estar ao par do processo que o alumno applicou para conhecer o assumpto no acto de produzir aquelle processo, pois de que outra maneira poderia elle produzi-lo raciocinavelmente?

A differença está entre o occupar-se do assumpto, e o occupar-se do processo usado em pensar no assumpto. O alumno, no estudo de geographia, está pensando na terra; mas ao ensinar geographia, o professor precisa pensar que o alumno está pensando na terra.

Segue-se que os passos do professor, que são identicos aos do alumno, como ficou anteriormente explicado, devem sêr passos repetidos; os conhecimentos devem sêr conhecimentos



METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

SUA NATUREZA E ELEMENTOS

(TOMPKINS. — Trad.)

(Continuação)

Natureza particular. — 1. Mesmo que a mente do professor e a do alumno dêem os mesmos passos no processo educativo e no de aprendizagem, deve haver a differença essencial que faz dum, o processo de ensinar e doutro, o de aprender. A differença consiste nisto: enquanto o alumno estuda o assumpto em discussão, o professor estuda o processo que o alumno applica estudando o assumpto. Por exemplo, ha um certo numero de passos fixos mentaes necessarios por parte do alumno para conceber a idéa do adjectivo: 1.º — elle percebe; 2.º — imagina; 3.º — compara e estabelece contrastes; 4.º — raciocina; 5.º — generaliza.

O alumno precisa passar por estas fórmãs de actividade, mas elle não tem consciencia do movimento. Todo o seu esforço consciente está concentrado no assumpto em questão. Elle diz: eu encontro isto, isto e isto no assumpto; não que eu agora esteja percebendo, imaginando, etc.

O professor precisa estar ao par do processo que o alumno applicou para conhecer o assumpto no acto de produzir aquelle processo, pois de que outra maneira poderia elle produzi-lo raciocinavelmente?

A differença está entre o occupar-se do assumpto, e o occupar-se do processo usado em pensar no assumpto. O alumno, no estudo de geographia, está pensando na terra; mas ao ensinar geographia, o professor precisa pensar que o alumno está pensando na terra.

Segue-se que os passos do professor, que são identicos aos do alumno, como ficou anteriormente explicado, devem sêr passos repetidos; os conhecimentos devem sêr conhecimentos.

anteriores. O professor deu antes os passos para conhecer o adjectivo; de maneira que ao ensinar, elle está livre de qualquer esforço consciente de aprendel-o, e pôde concentrar toda sua attenção no processo pelo qual o alumno aprende. Isto lembra a necessidade que tem o professor de familiarizar-se com o assumpto em estudo.

O que ficou dito, esclarece uma phase do preparo profissional do professor sobre um assumpto. Um conhecimento de grammatica habilita o estudante a pensar no assumpto da grammatica; ao passo que o conhecimento do professor sobre este assumpto, habilita-o a introduzir a grammatica nos processos da mente daquelle que aprende. Como base para isto, o professor precisa conhecer o assumpto da grammatica e conhecer a mente que está aprendendo grammatica; mas o aspecto profissional do trabalho apparece quando o professor transfórma a grammatica nos processos mentaes do alumno; ou, transfórma os processos do alumno em fórma de grammatica. Todo trabalho profissional do assumpto reduz a grammatica em experiencia mental do alumno.

2. — A' medida que o alumno e o professor dão os passos necessarios á aprendizagem do assumpto, a série de passos dados pelo professor assume a relação de causa dos passos dados pelo alumno; e sem meios exteriores, o professor não pôde reproduzir sua experiencia no alumno. E' preciso haver perguntas direcções, illustrações etc., para estimular a mente do alumno a dar o passo indicado pelo professor. Si o alumno tiver que deduzir as causas do clima duma certa localidade, os meios precisam sêr adequados a esse acto mental. O professor primeiramente imagina os passos a serem dados no pensamento do alumno, e depois dispõe os meios exteriores para cada passo.

A habilidade em dar direcção e em fazer perguntas, nasce da presteza com que o professor, por intuição e sympathia, introduz-se na mente da criança, no seu esforço de aprender.

Os livros que tratam de questionarios são de pouco proveito. E' a perspicaz e fiel intuição do professor no movimento essencial da mente do alumno, que habilita o professor a acer-

tar a natureza apropriada da pergunta ou combinação adequada de artificios.

Ora, o alumno, não mantem a relação deste meio exterior á sua experiencia interior, mas isto o professor deve manter. Enquanto pensar num dos passos do alumno, elle precisa pensar tambem nos meios pelos quaes elle possa conseguir que o alumno dê esse passo.

(*Continúa.*)

A INTERROGAÇÃO NA ESCOLA PRIMARIA

O professor que usa frequentemente a interrogação, obtem resultados felizes, sendo os principaes os seguintes: *a)* obriga os alumnos á attenção, pois o espirito da criança em exercicio continuo, não pôde entregar-se á distracção; *b)* obriga-os a seguir seu pensamento, a chamar-lhes a attenção sobre um determinado ponto que elle esclarece; *c)* ensina-os tambem a olhar, a observar e a reflectir de prompto e bem. E' necessario que para responder, os alumnos precisem suas idéas, que as formulem em termos claros e precisos; *d)* acostuma-os, pois, a falar com precisão e clareza; *e)* enfim, pela interrogação nasce na classe o estimulo, a emulação. Quanto mais viva é a troca de idéas que ella provóca, tanto maior é o seu valor. A interrogação responde á natureza da criança, que quer trabalhar, falar, manifestar sua personalidade, sua vitalidade.

A interrogação, meio de comprovação. — Quando o mestre dá uma lição, pôde, já no decorrer, já no final da mesma, interrogar seus alumnos. E' o melhor meio de verificar si elles têm seguido e comprehendido as explicações. As respostas dos alumnos demonstram si elles sabem, si comprehendem. Nessa occasião o professor pôde rectificar, corrigir, completar. A interrogação determina logo, resume e corôa, por assim dizer, a lição propriamente dita.

Quando um menino aprendeu uma lição, é tambem a interrogação o meio mais seguro de próva.

Em caso algum bastaria a recitação literal. Por meio da interrogação, põe o mestre á próva o saber dos alumnos; veri-

fica si elles comprehenderam as noções adquiridas, si conhecem, como diz Montaigne, “o sentido e a substancia”, ao mesmo tempo que as palavras. Ademais, por meio da interrogação o mestre faz applicar as regras aprendidas, tirar conclusões praticas, etc.

A interrogação, meio de ensino. — Sob a fórma interrogativa é que Socrates conduzia seus discipulos á verdade. Não podemos imitar esse philosopho. O methodo socratico exige do interrogador qualidades excepcionaes e do alumno um desenvolvimento intellectual, uma experiencia já madura, que não encontramos entre nossos pequenos discipulos.

Entretanto, podemos, por meio de perguntas *bem concatenadas, bem graduadas*, conduzir o menino da observação de factos ou de exemplos particulares bem escolhidos, á enunciação duma verdade geral que lhe queremos ensinar. A interrogação é um excellente processo proprio do methodo inductivo que seguimos nas lições de coisas, nas noções de sciencias phisicas, etc. Permite tambem reviver as idéas dos meninos, habitual-os a exercicios de linguagem, preparação, composição, etc.

Nas proprias lições expositivas o mestre póde consagrar uma parte á interrogação, seja para introduzir um elemento util de verdade, seja para fazer os alumnos reflexionarem sobre perguntas que pódem resolver directamente por si mesmos.

Nas revisões, a interrogação é alternativamente um meio de comprovação e de ensino. Serve para verificar si os factos e as idéas são adquiridos. Permite reunir duas ou varias idéas diversas, diversos factos, para comproval-os, julgal-os e fazer surgir uma idéa nova, uma conclusão mais geral ainda que as precedentes. Esclarece e levanta assim o ensino pelas idéas de conjunto que ella apresenta.

Excesso a evitar. — Deve-se evitar fazer interrogações aos alumnos sobre *coisas que elles ignoram completamente*, mas que precisam conhecer. Em historia, em geographia, por exemplo, exageramos frequentemente a parte da interrogação socratica.

Qualidades da interrogação. — Os assumptos propostos pelo mestre devem sêr *claros, formulados simplesmente*, e, sobretudo, *muito accessiveis* á intelligencia do alumno.

Devem sêr *precisos*, versar sobre um ponto claramente deslindado. Nada é tão penoso como essas perguntas confusas, vagas, ás quaes o mais intelligente não sabe que resposta dar.

Devem sêr *interessantes, engenhosas*. Um assumpto por sua fórma *pitoresca*, aguça o espirito da criança, solicita um maior esforço de investigação, *alegra a classe*.

E' tambem necessario que as interrogações sejam geraes. Evitar dialogos e as perguntas dirigidas sempre aos mesmos alumnos.

E' preciso estimular os indolentes, dar valor aos timidos, evitar as respostas collectivas, *ruidosas*. Um alumno chamado deve responder claramente; si a resposta não é boa, outro alumno responderá.

E' importante *graduar* bem as perguntas nas lições de investigações. Si uma difficuldade não póde sêr resolvida por uma primeira pergunta, fazer uma ou duas mais faceis, que levem o menino a comprehender melhor a primeira.

Emfim, não façamos a interrogação tornar-se *monótona*, nem tão pouco a *precipitemos*. Tenha o mestre *vivacidade* sem impaciencia. E' necessario que as crianças sejam levadas por si mesmas a resolver as questões que lhes são propostas; que tenham tempo de reflectir e de se manifestar, e que o mestre se abstenha de formular perguntas e respostas.

O bom mestre é um bom interrogador.

L. C. BON.



LITERATURA INFANTIL

DECISÃO INESPERADA

Lulú veste uma camisolinha toda bordada. Que belleza!

E os seus cabellos? Quê lindos são! Parecem avelludados; têm reflexos de luz, quando a criança vira a cabecinha de cá para lá.

Traz entre os labios de carmim um... “bico” — sim, uma chupeta de borracha, a sua indispensavel chupetinha.

— Você é menino ou menina? pergunta um desconhecido, olhando para a criança, que, sentadinha em cima do balcão, distrae a todos que entram na loja do pae.

O pequenito, num movimento brusco, tira o bico da bocca e, fazendo uma carranca, diz muito sério: “Sou homem, sabe?”

— Um homem não anda de camisola, não tem cabellos compridos e nem chupa... bico.

Lulú olhou bem para o estranho, desceu do balcão e foi direitinho falar com a mãe.

— Mamãe, faça-me o favor de guardar este bico. Vista-me com aquella roupinha de calças e paletó, que eu não quiz outro dia; e dê-me licença para ir ao barbeiro.

— Que é isso, meu amor? diz-lhe a mãe, não podendo conter uma gargalhada.

— Não quero mais ouvir ninguem me perguntar si sou menino ou menina.

E o pequerrucho, muito sério, muito convencido, fechou de novo uma carranca, como si estivesse zangado.

O ÉCO

(EXCERPTO.)

O pequeno Jorge não tinha a minima idéa do que fosse um éco. Um dia elle lembrou-se de gritar no meio do prado: — “Oh! oh!”, e ouviu repetirem-se no bosque vizinho as mesmas palavras: — “Oh! oh!”

O menino, admirado, continuou a gritar: — “Quem és tu?” A mesma voz misteriosa respondeu logo: — “Quem és tu?”

Jorge ainda continuou: — “És um rapaz tolo!” “Rapaz tolo!”, repetiu a voz do fundo do bosque.

Jorge ficou desesperado, e redobrou as injurias que enviava ao bosque. E o éco sempre repetia fielmente.

Procurou inutilmente o menino que elle suppunha lhe responder, para se vingar, mas não encontrou pessoa alguma.

Vendo baldados os seus passos, correu para casa e foi se queixar a sua mãe de que um mau rapaz se tinha escondido no bosque para injurial-o.

— “Vê, meu filho, lhe disse ella, tu te accusas e te tráes a ti mesmo. Fica sabendo que tens apenas ouvido tuas proprias palavras. Assim como tens visto teu semblante muitas vezes no regato, da mesma sórte acabas de ouvir a tua voz na floresta. Si houvessees gritado uma palavra delicada, terias ouvido outra igual.”

TENTAÇÃO

Na saleta de estudos, Annita, muito attenta, escreve seus exercicios e nem percebe a visita que, pé ante pé, vem entrando.

E' a travessa da Margaridinha, que, sem pensar, perturba a estudiosa, perguntando-lhe:

— Que está você fazendo ahi, Annita?

— Estou escrevendo um exercicio, minha querida.

— Venha brincar commigo, sabe? Deixe a lição para fazel-a na escola.

— Não, não posso, maninha; preciso acabar minhas contas.

— Eu tambem sei contas: um, *teis*, vinte, dez, *quato*.

Riu-se a Annita, porém a pequena não se deu por achada.

— Venha, Annita.

— Não posso, já disse; tenho ainda uma lição de Historia.

— Do chapéozinho vermelho, é? Da gata borralheira, não?

— Não, Margarida; é uma historia de verdade — é sobre Mem de Sá.

— Dum homem? Ora!... Não ha de sêr bonita!

— E' dum governador do nosso Brasil — um homem muito bom, muito intelligente...

Mas, vá brincar sózinha, querida; leve a sua boneca. Daqui a pouco eu irei.

E Annita inclinou-se nóvamente sobre o caderno, enquanto Margarida sahia devagarzinho, sempre a tagarellar.

HEROISMO DUM CRIADO

Era uma noite silenciosa, em pleno inverno. Um barão russo partiu da villa da Rob-rin, nas fronteiras. A neve nas ruas chegava aos joelhos e continuava cahindo, quando o barão, sua mulher, filho e criado Eric, entraram no seu trenó, em caminho a São-Petrogrado.

O dono da estalagem instou com elles que não tentassem viajar nessa noite, pois os caminhos estavam quasi intransitaveis e matilhas de famintos lobos vagavam pela visinhança.

Mas o barão tinha pressa de chegar, e ordens foram dadas para a partida. Os quatro fogosos cavallo sahiram a galope pela escuridão.

Uma hora mais ou menos depois, ao approximarem-se duma grande floresta que deviam atravessar, a baroneza exclamou: "Ouçam! Que é áquillo?" Todos escutaram attentamente, e então, á distancia, ouviram, no silencio da noite, um uivar melancolico. Não se podia duvidar. Era o uivar de lobos. Os cavallo tambem reconheceram o som e puzeram-se a galopar mais depressa do que antes. Pouco a pouco o terrivel som approximava-se.

O barão e seu criado apromptaram as pistolas, e não fóra de tempo, pois olhando para traz, viram, na neve, sombras que se approximavam.

Elles sabiam que os lobos estavam perto. Mais e mais galopavam os cavallos. Mas os lobos os alcançaram.

Havia uma porção delles. Na frente vinha um enorme lobo grisalho; este, assim que os alcançou, quiz saltar sobre um dos cavallos. Immediatamente Eric fez fogo e o lobo cahiu morto. Com isto os outros lobos desanimaram um pouco, mas logo continuaram na perseguição. Esta vez o barão e Eric atiraram ao mesmo tempo e quatro lobos cahiram mortos, na neve.

O resto da matilha parou por um instante, para devorar os companheiros mortos, mas logo as feras puzeram-se atraz da comitiva.

“Não ha remedio. Precisamos soltar e sacrificar um dos cavallos.”

Fizeram isto e, quando o cavallo pôz-se a correr pela floresta a dentro, toda a matilha foi atraz delle.

“Estamos salvos!” exclamou o barão.

Mas o criado sabia muito bem que os famintos animaes voltariam logo.

De facto voltaram e então outro cavallo teve que sêr sacrificado, para ganharem alguns minutos.

A carruagem estava a duas milhas de Bolisov. As luzes das casas podiam sêr vistas, a distancia.

A comitiva pensava que estava salva. Mas, enquanto galopavam, percebia-se que os cavallos, exhaustos, diminuiam a marcha, á medida que os lobos estavam outra vez rapidamente alcançando-os.

Foi então que o criado Eric, provou sêr um heróe.

“Eu descerei, barão, e deterei os lobos, enquanto o senhor com sua familia chegam á cidade. Si ficarmos juntos, pereceremos todos. Talvez eu tenha tempo para subir a uma arvore, ou pôde sêr que consiga repellir os lobos, até que o senhor volte com soccorros. Si elles me matarem, cuide de minha mulher e de meu filho!”

O barão não queria perder, duma maneira tão triste, o seu fiel criado, mas Eric insistiu em arriscar sua vida para salvar a do amo.

Os lobos rodeavam agora o trenó e alguns mordiam as pernas dos cavalloos.

— “Deus vos acompanhe !” exclamou Eric. “Faça fogo, quando eu saltar.”

O barão obedeceu e o fiel criado atirou-se no meio dos lobos.

Os animaes ferozes detiveram-se um instante com o luzir das pistolas aos seus olhos.

Ouviu-se em seguida um terrivel grito selvagem e Eric fez de novo fogo aos lobos.

Depois sobreveiu um silencio tetrico á medida que os cavalloos seguiam em direcção á cidade.

Nunca mais foi visto Eric. Suas pistolas foram encontradas na neve rubra de sangue.

Neste lugar ergue-se um monumento, tendo num lado o nome do heroico criado e noutro, as seguintes palavras: “Dedicação maior não póde mostrar um homem do que sacrificar sua vida pela de seu amigo.”

AS ROSAS DE MIMI

Toda chorosa, caminho da escola, entra Mimi em casa da titia.

— Que te aconteceu? Estás doente? Vovó ralhou-te?

— Não, senhora. E’ que hoje faz annos a professora e... nada tenho para lhe offerecer !

Mimi perdera a mãe, sem mesmo conhecel-a. Fôra criada pela avó, muito boa velhinha, mas... algum tanto severa. Pelo menos não tinha carinhos para com a pequena, que, em compensação, os encontrava na bondosa tia.

— Não chores, Mimi. Vem commigo ao jardim. Minhas roseiras estão floridas: Levarás um grande ramallete. Queres?

As lagrimas de Mimi pararam como que por encanto; suas faces coradas pareciam brilhar; e um sorriso, todo alegria e gratidão, dizia quanto ella estava contente.

— Até logo, titia. Muito obrigada, repetiu ainda da porta a meiga Mimi, sobraçando as flôres.

Na escola ninguem soube quanto soffrera esse coraçãozinho grato.

Todas as colleguinhas admiravam as rosas de Mimi, pois eram as mais lindas de todas.

A VOLTA DAS ANDORINHAS

Eram ellas: ao sóposto
Vi-as em bando passar;
Iam doidas, era um gosto
Ouvil-as, como eu ouvi.
Vinham de longe cantando
As pobres das andorinhas,
Procuravam, coitadinhas,
Este céu que nos sorri.

Na beira do meu telhado,
Pousaram duas, depois,
Do musgo mais delicado
Foram seu ninho fazer.
Como esse par venturoso,
Que andára fugindo ao inverno,
Se aconchegava alli terno,
Vendo o sol que ia morrer!

Quando esta verde folhagem
Fôr levada pelo vento,
Sabe Deus em que paragem
Hão de ir ellas descansar;
Mas eu ficarei sózinho,
E na estação desabrida,
Vendo a flôr da minha vida
Folha a folha desbotar!

E. A. VIDAL.



EXMO. SR. PEDRO VOSS

ILLUSTRE PROFESSOR, EX-DIRECTOR DA E. NORMAL DA PRAÇA DA REPUBLICA E ACTUAL DIRECTOR
GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA DO ESTADO DE S. PAULO.

O CAVALLO

Crianças, que tanto gostaes de historias sobre animaes, vou contar-vos dois casos muito interessantes a respeito do cavallo.

Ha alguns annos um senhor voltava a cavallo, para casa, tarde da noite.

Seu animal assustou-se com uma pedra que havia ao lado do caminho. Quando os cavallos se assustam, costumam saltar, pular, escoicear. A isto chama-se *passarinhar*.

Pois bem; o cavallo, passarinhando, atirou o cavalleiro ao chão, e fugiu, a galope.

O homem não poude levantar-se, porque, na quéda, tinha quebrado uma das pernas.

Ficou no logar em que cahira, soffrendo muito.

Passado algum tempo ouviu um trotear, cada vez mais proximo. Era o seu cavallo que voltava, depois de ter ido á estrebaria e rinchado bastante, como si quizesse contar o accidente.

Rinchando ficou junto ao seu dono, até que apparecesse alguem para o soccorrer.

Não parece que elle estava arrependido do mal que causára, e procurava reparal-o?

Um outro cavallo costumava abrir o portão da estrebaria e sahir a passear pelos campos, á vontade.

Os outros cavallos e burros da cocheira acompanhavam-no com olhares invejosos.

Um dia, quando ia sahindo, ouviu os rinchos dos companheiros, que queriam acompanhal-o.

Voltou, abriu os portões e soltou-os a todos.

Não acham vocês que esse cavallo era bom? Elle era melhor do que muitos meninos egoistas que não se lembram de ajudar os seus companheiros.



A BOLSA

(EXCERPTO.)

Norberto, filho dum pobre carvoeiro, chorava amargamente, sentado debaixo duma arvore.

Um fidalgo, andando á caça, foi ter casualmente ao mesmo logar. Quando viu o menino, perguntou-lhe porque chorava tanto. Este respondeu-lhe:

— Oh! senhor, ha muito tempo que minha mãe se acha doente, e meu pae enviou-me á cidade para pagar o boticario; por minha desgraça, perdi no caminho a bolsa e o dinheiro que ella continha. E' isto que me afflige.

— Será esta? disse o caçador, fazendo um signal ao criado que o acompanhava, e que apresentou ao menino uma bella malha cheia de ouro.

— Não, senhor: a minha não continha tanto ouro como esta; tinha pouco valor.

— Será, então, esta? replicou o caçador, mostrando-lhe uma outra bolsa muito velha.

— Oh! essa sim! bradou o menino, transportado de alegria; é ella mesma!

— Meu filho, disse-lhe o caçador, eu te faço presente desta outra, com o dinheiro que ella contém, como uma recompensa da tua confiança em Deus e da tua probidade.

O PRETENCIOSO

Antoninho era alegre, vivo. Interessante criança, não parava, e falava o dia inteiro. Inventava historias, uma mistura de reis, capitães, heróes, em que elle fazia sempre o papel principal. — “Corajoso como eu, não ha ninguem”, era quasi sempre o remate.

Uma noite muito quente, as crianças brincavam sentadinhas no chão. Faziam casinhas, erguiam torres com cartas de baralho, etc.

Antoninho contava proesas.

— Não tenho medo de nada !

— Nem de baratas ? pergunta a irmãzinha medrosa, olhando para os lados.

— Não; eu não sei o que é medo. E de uma barata !... E' apparecer uma, que eu a mato logo !

E as casinhas, e as torres encantadas se erguiam e cahiam para se erguer-novamente. Mas, o que aconteceu, de repente, com Antoninho ? Grita, pula, quer arrancar a camisolinha leve, que vestia por causa do excessivo calor.

Acóde a criada.

— É' uma barata... uma barata que está em mim...

E o pretencioso chora e grita...

Os irmãozinhos ? Estes rolam pelo chão, de tanto rir do *corajoso* Antoninho.

MARCO POLO

(LEITURA ADEANTADA)

Aos feitos dum rapaz de quinze annos deve-se, em grande parte, a exploração dos mares.

Antigamente os homens percorriam algumas partes do globo, mas, como guardavam segredo daquillo que viam e faziam, seus conhecimentos de nada serviam ao resto da humanidade.

Marco Polo tinha apenas quinze annos de idade, quando partiu em suas explorações através de terras estranhas, entre póvos selvagens, para achar o caminho da China. Quando cresceu, escreveu a respeito do que vira e aprendera, para que todos pudessem saber o que elle descobrira. Suas narrações sobre os paizes e póvos estranhos e sobre riquezas doutras terras, fizeram com que outros homens quizessem ir onde elle tinha estado, vêr o que elle tinha visto. No seu livro, Marco Polo narra o caminho por onde passou para chegar a esses logares,

de modo que outros puderam alli chegar seguindo a sua róta. Esse livro despertou-lhes ainda a idéa de navegar para esses logares.

Marco Polo nasceu em Veneza, na Italia.

Foi á China, a pé, com seu pae e tio. Elles atravessaram altas montanhas, desertos terríveis e logares onde o frio era intenso. Finalmente, chegaram á China, onde o rei os recebeu muito bem.

Marco cresceu na côrte e tornou-se muito estimado do rei. Aprendeu a falar varias linguas. Era tão competente, que o rei o mandou como seu embaixador á India, Conchinchina e a muitas outras terras.

Marco desempenhava-se muito bem das suas commissões, e contava ao rei tudo a respeito dos paizes que visitava: como o povo vivia, qual era o seu commercio, quaes as suas cidades, rios e montanhas.

O rei nunca tivera embaixador melhor, e recompensou Marco com grandes riquezas.

Depois duma ausencia de vinte e tres annos, voltaram os Polos a Veneza.

Marco Polo contou em seu livro o que vira e ouvira. Por muito tempo ninguem acreditou nelle. Não podiam imaginar que houvesse paizes como a China e a India com milhões e milhões de habitantes. E o que elle contava a respeito das sedas, pedras preciosas e especiarias, lhes parecia impossivel.

Mas, pouco a pouco, os homens começaram a vêr que o livro de Marco Polo narrava verdades.

Puzeram-se a estudar e aventuraram-se em descobertas.

O grande Colombo, que viveu duzentos annos depois, foi um dos que estudaram esse livro, e foi sem duvida sua leitura que em grande parte o influenciou a procurar um caminho maritimo para a India.



OS BOHEMIOS

Os bohemios vão cantando
Pelas estradas reaes,
Emquanto o sol descambando
Doura as altas cathedraes.

Um delles, esfarrapado,
Meneia, aos sons da viôla,
Outro, livido e esfaimado,
Faz tinir a castanhóla.

As mulheres e os meninos
Seguem na frente, a bailar,
Ao som dos estranhos hymnos
Dessa orchestra singular.

Desde manhã, todo o bando
As ricas villas explóra
E vae, cantando, cantando,
Emquanto a fome o devóra.

Por vezes uma criança
Põe-se a tremer e a cahir,
Mas o pae grita-lhe: — Dança !
Dança ! — e ella dança a sorrir.

Cobertos do pó da estrada,
Semi-nús, magros, sedentos,
Lá vão, em turma agitada,
Os miseraveis, aos centos.

E o rubro sol luminoso
Continúa a desmaiar
Como um nababo amoroso,
Sobre a terra e sobre o mar.

Oh ! pobres aves sem ninhos !
Pobres arabes sem tenda !
Que em vosso negro caminho
A morte não vos surprensa !

L. Guimarães.



ESCOTISMO

O ESCOTISMO NAS ESCOLAS

Ha definições que encerram, na simplicidade de sua synthese, um programma inteiro.

Assim é que, lendo-se a de escotismo, dada por um eminente, culto, porém modesto educador paulista, descortina-se logo, no laconismo desse resumo, todo o programma a seguir para o triumpho completo do escotismo.

Diz o distincto professor: — “*O escotismo é a verdadeira escola que prepara o cidadão de amanhã — o corpo varonil, a alma generosa, a intelligencia lucida — para bem servir ao seu paiz.*” De facto, assim é.

Comparando-se a definição supra com o schema geral do escotismo, vemos logo que elle o contém todo inteiro. E’ por isso que lhe prodigalizamos encomios.

Para que o verdadeiro escotismo seja bem praticado nas escolas, para que produza bons fructos, tomemos por pedra fundamental o seu schema, já muito divulgado, e sobre elle edificuemos sabiamente e intelligentemente a escola do escotismo, que fará de cada menino um homem forte, uma alma pura, uma intelligencia culta, prompta para servir a Patria, na paz e na guerra.

*
**

O escotismo nas escolas não tem tido o character eminentemente educativo que devia ter.

Não é bastante formarmos batalhões numerosos de meninos fardados que marcham e tocam tambores e cornetas.

Si as excursões e concentrações só tiverem por escopo a quantidade de meninos que envergam uma farda, cantam e marcham, o escotismo só servirá para divertir a meninada e offerecer ao povo curioso o ensejo de se divertir tambem. O escotismo, assim praticado, não é util ás crianças e prejudica a boa reputação das nossas escolas.

Como pratical-o, então, como adoptal-o nas casas de ensino, para que produza bons resultados, para que atinja o seu nobilissimo fim?

Cada grupo-escolar e escolas-reunidas do interior do Estado, devem constituir uma commissão regional de escoteiros. Na Capital e nas cidades do interior que possúam diversos estabelecimentos publicos de educação, cada um destes formará uma commissão districtal. Parece um mal reunir dois ou mais grupos numa só commissão. As diversas commissões regionaes e districtaes, embora cada uma tenha a sua directoria e sejam independentes entre si, ficarão sujeitas a uma direcção unica, para fins especiaes, a qual terá por séde a Capital e por membros os altos elementos da Instrucção Publica. Esta suprema directoria, por sua vez, apresentará mensalmente á "Associação Brasileira de Escoteiros", um relatório completo do movimento geral do escotismo no Estado todo. E' claro, portanto, que todo o escotismo escolar ficará dependente da A. B. E. Não achamos justa qualquer campanha contra a intromissão da A. B. E. no escotismo das escolas. Ella é uma instituição julgada já pelo chefe supremo da nação como de utilidade publica, e subvencionada pelo governo estadual e municipal.

Para evitar incidentes entre as commissões regionaes, districtaes, directoria-chefe e a A. B. E., nada mais facil que organizar regulamentos onde fiquem bem patentes as attribuições de cada uma dessas instituições.

Acham alguns nociva a acção da A. B. E. sobre o escotismo escolar, pelo simples facto de o ensino do escotismo sêr confiado a soldados, que julgam *um elemento mau*. Não é justo este modo de pensar. Durante a nossa passagem despercebida pelo magisterio publico, tivemos o ensejo de conviver com diversos soldados da nossa Força Publica, instructores de escotismo, e só notámos nelles uma grande falha, que poderá sêr sanada com estudos especiaes: — a falta de methodo para transmittir ás crianças os seus conhecimentos militares e de cultura physica. Não lhes faltaram nunca delicadeza, paciencia e moralidade. Ministremos aos soldados instructores noções pra-

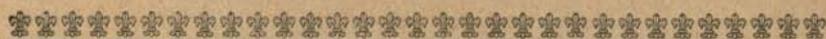
ticas de methodologia e pedagogia, e teremos nelles valiosissimos auxiliares do escotismo. E' de grande utilidade libertar o delegado-technico do director do grupo; este deve comprehender muito bem as suas funcções, não cerceando nunca a acção daquelle, que é o *rei absoluto* quando em actividade. O ensino do escotismo nas escolas, deve continuar a sêr obrigatorio. O fardamento é imprescindivel. O programma a desenvolver precisa sêr o mesmo da A. B. E. A educação militar e cultura physica serão confiadas aos nossos soldados da Força Publica, que tenham, para exercer tal cargo, estudos especiaes. A instrucção militar não pôde sêr condemnada. Ella disciplina as crianças e as prepara para a vida futura da caserna, quando sorteadas para servirem a Patria. E' indispensavel a assistencia medica constante, para o bom exito da educação physica. A educação moral e civica será confiada a um educador competentissimo, que consagre ao escotismo um sincero entusiasmo. Quasi sempre esse encargo recae sobre o delegado-technico. As instrucções de escotismo, devem ter já no horario das classes, tempo determinado, para não prejudicarem a boa marcha do ensino. As excursões, pelo mesmo motivo, serão realizadas aos domingos e feriados, devendo obedecer a um plano scientifico, tendo por alvo — divertir e instruir.

No exiguo espaço deste ligeiro trabalho, é-nos impossivel descrever tudo quanto os nossos insignificantes conhecimentos theoricos e praticos nos apontam, como meio certo de praticar o verdadeiro escotismo nas escolas.

Para terminar, diremos apenas que, si quizermos nas escolas o escotismo que produza bons resultados, mudemos de orientação. Permanecermos mais tempo no erro, é prejudicar as crianças e as escolas.

Pratiquemos o escotismo, mas de maneira que em cada criança tenhamos um *escoteiro completo*; assim fazendo, teremos nas crianças de hoje o soldado de amanhã, dotado dum "*corpo varonil*", uma "*alma generosa*" e uma "*intelligencia lucida*", prompto para defender a Patria na paz ou na guerra, habil para usar dos seus direitos e cumprir os seus deveres.

J. V.



QUESTÕES GERAES

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

Dado o triplice aspecto que caracteriza a educação, cabe tambem á escola primaria a cultura moral da infancia.

Não serão, porém, os preceitos declamados em tom dogmatico, sentencioso, que hão de desenvolver no espirito infantil as primeiras noções do “dever” — este principio basico da educação moral.

Si é verdade que, no proprio adulto, taes preceitos, pela sua natureza abstracta, não lhe despertam facilmente as faculdades sensitivas, imagine-se que influencia poderão elles ter no espirito da criança ! Além do que, é preciso notar-se que o ensino da moral, dirigindo-se mais ao coração do que ao raciocinio, deve exercer-se de preferencia sobre aquelle.

Cumpra, portanto, afastar, tanto quanto possivel, as concepções abstractas, que lhe possam perturbar a acção educativa.

Não pretendemos com isto negar o valor da abstracção: — sem idéas abstractas o homem, subordinando o pensamento á exclusiva influencia de imagens particulares, ficaria nivelado aos brutos; e um philosopho contemporaneo, querendo pôr em relevo o importante papel que aquelle acto do espirito representa no exercicio de todas as operações intellectivas, já affirmou que o homem é uma “machina de abstrair”.

O que queremos dizer é que o poder de abstrair, na criança, não se compadece com um ensino processado por meio de regras ou de principios, que para ella sejam vasilos de sentido.

Por aqui se vê quão negativo é, na escola primaria, o ensino da moral dirigido por tal processo.

Entretanto, apesar da reconhecida capacidade dos nossos professores, parece sêr esse o meio usualmente empregado, salvas honrosas excepções, quando tratam da materia que, sob

o titulo — “Educação moral e civica”, vem exarada nos programmas.

A proposito: este titulo, pela sua latitude tão suggestiva, nos mostra a dupla acção que deve ter o ensino da moral, dirigindo o homem no cumprimento dos seus deveres não só individuaes, como sociaes.

Isto é o bastante para evidenciar o papel transcendente da educação moral na escola publica, afim de que se lhe dê uma orientação proficua, capaz de desenvolver no espirito dos alumnos os germens latentes dos seus bons sentimentos, e imprimir-lhes na natureza affectiva novos surtos que, para o futuro, façam de cada um delles um prestante cidadão.

Tratemos, pois, dessa orientação, primeiramente na parte que se refere á educação moral propriamente dita.

Dentre os factos que, quotidianamente, cáem sob o dominio da observação das crianças, alguns ha que, impressionando-lhes o espirito, o abrem a ensinamentos moraes que os mesmos pódem suggerir.

Não ha, então, melhor “opportunidade” do que esse momento psychológico, para uma proveitosa lição.

Um facto da vida escolar, um acontecimento occorrido na sociedade em que o alumno vive, emfim, quaesquer outras circumstancias, geram excellentes “opportunidades”. Cumpre ao mestre saber surprender-as, em flagrante, e bem aproveitá-las; e, quando ellas não surjam espontaneamente, compete-lhe ainda creal-as, por meio de subtis suggestões, que os assumptos escolares diariamente costumam proporcionar, durante o exercicio das aulas.

Desta maneira os alumnos receberão claros e salutaes ensinamentos.

E’, porém, de primacial importancia que as lições sejam diarias; assim, não só os assumptos, como o tempo, favorecerão o conhecimento de todos os pontos que dizem respeito a esse aspecto da educação.

Não vemos para esta parte do ensino primario um processo mais seguro, mais consentaneo com o poder intellectual

da criança; só o theatro e o cinematographo poderiam substituil-o.

E' preciso, pois, mais uma vez repetimos, que o mestre atilado e expedito, nunca deixe de aproveitar as "opportuni-dades", que se lhe deparem, e de crear outras, quando preciso fôr.

Só assim será uma realidade o ensino moral em nossas escolas — ensino que, como parte integrante da educação, della se não pôde divorciar, nem tão pouco sêr ministrado por meio de definições e regras que não falam ao coração da criança.

Descurar desse ensino, tornal-o negativo, por via do processo defeituoso, actualmente em vóga, é não só um erro, como um crime praticado por aquelles a quem está confiada a criança durante os tenros annos de sua vida.

Segundo Kant, a obra da educação é o desenvolvimento do individuo em toda a perfeição de que é susceptivel. Ora, esse desenvolvimento só pôde realizar-se com o concurso de principios moraes bem inspirados e dirigidos.

"A educação moral, diz Locke, uma vez adquirida, mesmo que o restante fosse negligenciado, produziria o resto em tempo opportuno; si, ao contrario, ella não fôr implantada de modo a extirpar os habitos maus e viciosos, as artes, as sciencias e todos os outros ornamentos da instrucção não pôdem preencher o seu fim; só servirão para fazer o peór e o mais perigoso dos homens".

Aparte o exagero destes conceitos, elles nos servem, dada a autoridade do grande philosopho inglez, para pôr em evidencia o valor proeminente que a educação moral representa na escola.

Torna-se, pois, necessario (releve-se-nos a insistencia) que esse ensino não mais fique subordinado nem a simples enumerações de regras e preceitos, nem ás exigencias de horario, porquanto não é este que pôde estabelecer as "opportuni-dades" de que falámos, isto é a disposição de espirito em que devem achar-se os alumnos, para poderem "sentir", já que esse ensino, falando á razão, vae directamente ao coração.

Passemos agora á parte que diz respeito á educação civica.

Sendo o objectivo deste ensino preparar o alumno no conhecimento dos seus deveres e direitos como cidadão, desnecessario é encarecer-lhe a importancia, principalmente como integralizador da educação moral.

A processuação dessa materia em nossas escolas publicas, tambem está reclamando algumas considerações.

O ensino das leis que regem os deveres e direitos civicos, por mais singelo que seja, não se póde divorciar das noções abstractas que lhe são immanentes. Isto posto, a expliação literal dessas leis bem pouco aproveita ao alumno.

Dahi a necessidade de dar ao ensino uma direcção didactica que o ponha ao alcance da compreensão da criança.

Para esse fim o mestre deve formular pequenas e interessantes historias, que encerrem uma ou algumas daquellas noções.

O prazer que as historietas despertam no espirito infantil fará com que o alumno insensivelmente vá adquirindo as noções que, por outra fórmula, só lhe causariam tédio.

Exemplificando: Trata-se de dar ao alumno uma idéa sobre o imposto. Em vez de se lhe dizer que o imposto é o dever que todo o cidadão tem para com o Estado de contribuir, á medida de suas forças, com a parte necessaria para as despesas da communhão, ou outra qualquer definição analogá, invente o professor uma historia que ponha em evidencia esse dever.

Assim, a criança, attrahida pela simplesa das narrações, adquirirá, indirectamente e aos poucos, o conhecimento claro das leis da nossa constituição politica.

Parece-nos que, no dominio da escola primaria, este estudo deveria tambem ter como guia a Historia-patria, não só pelos exemplos de civismo que esta disciplina nos apresenta, como porque a ella se liga intimamente a formação das nossas instituições.

No decorrer do estudo dos factos historicos, surgiriam naturalmente magnificas oppportunidades para explanações

sobre a nossa organização politica, nossos costumes, nossas leis, etc.

O ensino assim dirigido tornaria suaves as noções sobre a educação civica, que não pôdem sêr facilmente apreendidas por crianças.

E, já que falámos da Historia-patria, como um auxiliar poderoso na educação moral e civica, seja-nos licito fazer uma ligeira observação a respeito do seu ensino entre nós.

Um dos processos que sobremodo concorrem para o bom exito desse estudo, é a suggestão, por meio de gravuras.

Este processo tão pratico e antigamente empregado com tanto successo em nossas escolas, parece estar decaindo.

Entretanto, não devia sêr assim.

Falando do valor suggestivo das illustrações, eis como se expressa um moderno educador, o sr. Wilbur Bender, na sua obra "The teacher at work": — "It is probably not too strong language to say that suggestion plays a more prominent part in the education of the individual, than direct observation does".

Cumpre, portanto, que o ensino da Historia-patria com o auxilio das illustrações, não caia em desuso nas nossas escolas; pelo contrario, que elle resurja com toda a força do seu poder altamente cooperador da educação moral e civica da nossa infancia.

P. S.

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER — Biblioth. pedagogica, organizada por A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA II

ENSINO DA LEITURA

E' mistér que tenhamos, ao ensinar qualquer disciplina, uma definição bem clara do que nos preoccupa.

Que não seja, porém, uma definição de méras palavras, mas sim de idéas, que abranja, dum modo geral, o que nos cumpre fazer.

Na palestra de hoje, que é sobre ensino de leitura, uma pergunta se nos apresenta ao espirito desde logo: Que é leitura?

Leitura, é, no rigor do termo, a aquisição de idéas por meio de palavras, manuscritas ou impressas, formando juízos e pensamentos.

Pensamento é a relação de idéas umas com outras.

As idéas adquire-as o espirito, pelos sentidos, do mundo exterior, ou são por elle produzidas.

Commumente adquirimos pensamentos:

- a) vendo objectos em suas relações;
- b) pensando em objectos ausentes em suas relações;
- c) vendo estampas ou desenhos;
- d) pela linguagem, falada ou escrita.

Colloco, por exemplo, aqui á mesa, este chapéo.

Fórma-se desde logo, em meu espirito, a relação entre dois objectos — mesa e chapéo — levando-me a formular este pensamento: *o chapéo está sobre a mesa*.

Desenho um *chapéo sobre uma mesa*. Elaboramos o mesmo pensamento seguinte: *o chapéo está sobre a mesa*.

Eu digo: o chapéo está sobre a mesa. Formulareis, ao me ouvir, o mesmo pensamento que eu externei.

Escrevo no quadro negro essa mesma sentença. E' claro que as idéas relacionadas, nella contidas, o vosso espirito logo as apreenderá, formando o pensamento que exprimem.

Por qualquer desses quatro modos adquirimos, pois, o pensamento, com uma differença apenas no resultado: que o conhecimento adquirido ante o objecto em suas relações é geralmente mais claro, mais nitido.

Ouvindo-se falar, adquire-se o pensamento por meio de palavras relacionadas em sentenças (idéas combinadas, formando juízos); lendo-se, obtem-se pensamentos por meio tambem de palavras, com a differença unica de que, em vez de proferidas, são representadas por fórmulas impressas ou manuscritas.

Examinemos estas duas operações mentaes para constarmos até onde se assemelham ou diversificam.

A combinação de palavras em sentenças é precisamente a mesma em todas as linguas. Também é identico o conhecimento adquirido, quer o tenhamos por meio da leitura ou do ouvido.

A differença reside apenas no modo por que é adquirido: um, pelo ouvido; outro, pelos olhos.

Concluis, á vista disso, que a leitura é a expressão oral do pensamento. Tendes razão, mas daqui a pouco vereis que ella é mais propria para o obtenção de pensamento do que para ministral-os por meio da fala.

Si incluímos na vossa definição a leitura oral, poderíamos, pois, amplial-a, dizendo que *lêr é dar e receber pensamentos por meio de palavras combinadas em sentenças.*

Urge não esquecermos, como um ponto essencial do ensino da leitura, o conhecimento exacto do preparo que já possúe a criança ao iniciar o seu aprendizado escolar; como elle foi adquirido; e, finalmente, como devemos proceder rigorosamente para ensinal-a a lêr, de accordo com o fim que visamos.

A criança, ao entrar para a escola, é possuidora já de muitas idéas adquiridas, pelos sentidos, do mundo exterior;

Conhece essas idéas em suas relações, isto é, possúe pensamentos;

As idéas já se acham associadas em seu espirito com palavras faladas;

E, finalmente, como lastro aos seus pensamentos, existem no seu espirito numerosas phrases ou fórmias de sentenças.

São estas, em breve resumo, as phases successivas do processo mental seguido pela criança para aprender a falar.

Mais tarde vos direi como isto se passou.

Ora, o processo para ensinar a lêr não deverá absolutamente differir dessa ordem natural de aquisição mental.

Para ensinar a criança a lêr, o que se tem de fazer, pois, é o seguinte: associar, com palavras manuscritas ou impressas, as mesmas idéas que ella já associou com palavras faladas.

Póde-se ainda definir a leitura como a traducção oral do pensamento, por meio de palavras escritas ou impressas.

Uma criança, já sabe, pela experiencia de cinco ou seis annos, exprimir oralmente o seu pensamento, e o que é mais precioso, tem o seu estylo proprio, isto é, o seu modo peculiar de o fazer.

Por isso mesmo é que raramente se consegue, e nem se deve tental-o, melhorar a emphase, a inflexão e a melodia adquiridas, das vozes das crianças.

No se deve tental-o, porque se correrá o risco de estragar então um bem precioso, que taes são a belleza, a naturalidade e a força de expressão, que constituem a característica individual de cada criança, forçando-a, além disso, a um trabalho mental que lhe será bastante penoso.

Que utilidade existe na leitura?

Uma criança, quando fala, deixa surpreender o pensamento que lhe occupa o espirito.

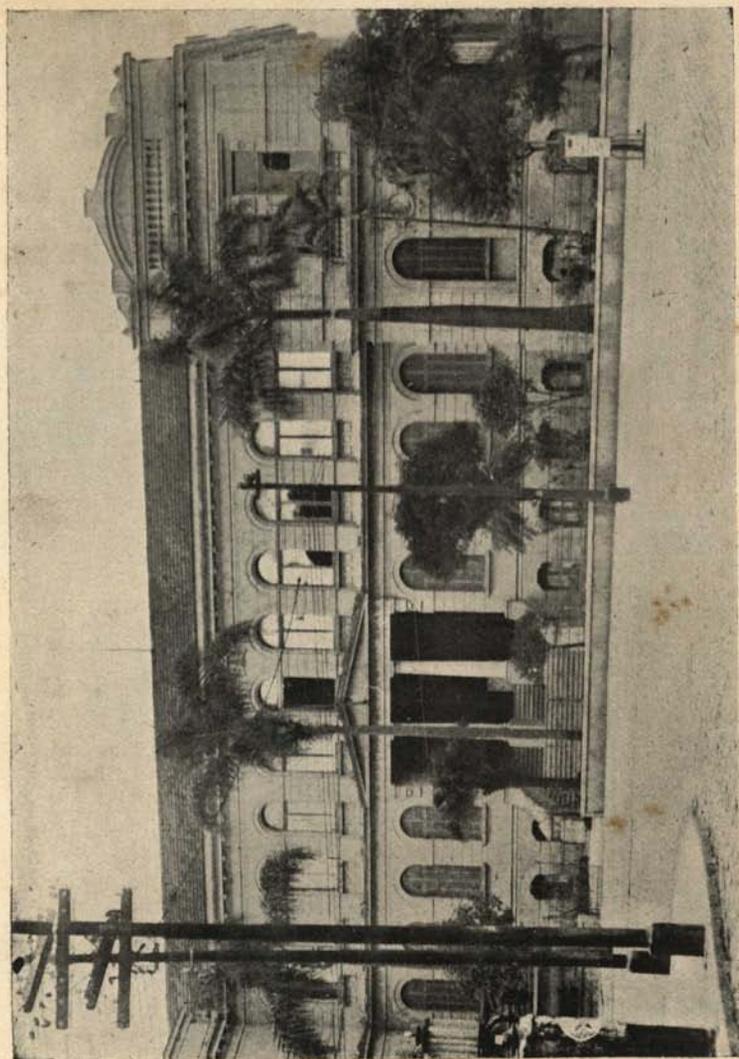
O mesmo se dará com a leitura em voz alta; esta é, pois, a sua maior utilidade, porque permite ao professor saber o grau do pensamento da criança, e toda a plenitude, força e intensidade do seu espirito.

Supponha-se agora, dadas estas explicações, que, desprezando-se o processo natural por que a criança fez o seu aprendizado mental, desde a primeira idéa que adquiriu, á primeira palavra, á primeira sentença com que a externou, — se adoptasse o moroso processo de soletrar ou syllabar. Não é claro que se destruiria fundamentalmentę a funcção essencial da leitura? (1)

Poderá existir elaborado ou não no espirito da criança o juizo, o pensamento, mas não o perceberá jámais o professor na sua emissão meio-gemida.

Voltaremos agora á nossa pergunta: Qual será, pois, a utilidade da leitura?

NOTA. — A criança que aprende por qualquer um destes processos, soletração ou syllabação, principalmente em portuguez, tem uma leitura arrastada, penosa, artificial, contraria inteiramente á natureza da expressão com que ella traduz, na conversa, as suas emoções e sentimentos. São taes processos uma negação absoluta do fim do ensino da leitura, que é o aperfeiçoamento da expressão oral, ao mesmo passo que tambem é um estímulo ao desenvolvimento da actividade mental da creança.



1.º GRUPO ESCOLAR DO BRAZ — CAPITAL

Leitura é conseguir pensamentos por meio de palavras, manuscritas ou impressas, reunidas em sentenças.

Visando este fim, é claro que a leitura assim ensinada e exigida, provocará todo o saber e erudição adquiridos anteriormente pela criança.

Para o professor, é a leitura, além disso, um factor da maior importancia no ensino, por isso que lêr é pensar, e pensar é um modo de acção.

Ora, todo o desenvolvimento mental deve sêr dirigido para a acção.

O estudo nos livros-compêndios differe, é certo, da leitura, mas a differença reside apenas na intensidade: no estudo, o pensamento adquirido é talvez mais claro e mais completo do que o que esta fornece. O bom processo no ensino da leitura é, porém, o firme esteio para o successo daquelle.

Vós mesmos podereis talvez testemunhar, em vossa experiencia, a importancia que se deve ligar á acquisição, por parte da criança, de habitos correctos de leitura. Acredito mesmo que já o tenhaes verificado.

Para a criança, que aprende mal a leitura, prestando ás fórmulas das letras a sua primeira attenção, tornam-se as palavras verdadeiras barreiras á comprehensão da verdade que se incumbem de traduzir, em vez de agentes claros de producção de pensamento.

ESCOLAS DISCIPLINARES

O nosso perfeito apparelho de Hygiene expulsou do Estado de São Paulo as molestias epidemicas e endemicas. A religião, entre nós, tem concorrido muito para a educação da alma do nosso povo. A instrucção, que aqui é tida como modelar, tem sido um factor poderoso de educação da gente paulista. Temos, pois, saneado o corpo, a alma e a intelligencia dos descendentes dos audazes bandeirantes. Ha, porém, no seio da nossa gente, sêres que nasceram e crescendo estão no meio da sociedade, como hervas damninhas que mêdram entre as outras boas. Esses entes têm escapado aos cui-

dados que lhes não deveriam faltar. Referimo-nos aos menores delinquentes, que parecem ter nascido para o crime e áquelles que fatalmente se tornarão delinquentes, si não forem, por mãos caridosas, arrebatados do meio mau em que vivem, para outro melhor. Saneemos, pois, a nossa sociedade, cuidando dessas infelizes creaturas, que parecem ter vindo ao mundo, fadadas para o mal. Cuidando dellas, concorreremos para a formação duma sociedade sã.

O illustre deputado Dr. Roberto Moreira, profundo cultor do Direito Criminal, apresentou á Camara o projecto da criação dum tribunal especial para menores delinquentes.

Foi um grande beneficio prestado a esses desventurados sêres. Esperamos que novos e humanitarios projectos, sejam pelo eloquente representante do povo, apresentados á Camara, creando em nosso Estado instituições modelares de preservação e refórma.

*

**

A criminalidade infantil é hoje um problema que tem sido largamente discutido e que precisa sêr cuidado sériamente pelo governo.

Entre a multidão que tumultúa pelas ruas da nossa importante Capital, vagueia uma verdadeira malta de crianças famintas, sujas, esfarrapadas, macilentas; menores abandonados pela enfermidade, vícios ou ausencia de seus paes, que se entregam á mendicidade ou á pratica de actos illicitos; pequenos doentes, anormaes; pobres crianças abandonadas na orphandade, exploradas pelos paes legitimos ou adoptivos, typos asquerosos, sem moral, sem crença religiosa; desgraçados menores, emfim, que serão fatalmente arrastados ao crime e á prostituição. Delles precisamos cuidar sériamente. A intervenção da policia, como é usual entre nós, para extinguir o mal é inútil, prejudicial, dolorosa e condemnada. Pensamos como Henri Joly e outros penitenciarios notaveis, que a criminalidade infantil se desenvolve entre os filhos de paes mendigos, vagabundos e criminosos; entre os abandonados pelos paes em virtude das necessidades da vida; entre os orphans atirados ás ruas. Longe

de nós a theoria do hereditarista Lombroso, que entende nascerem já as crianças propensas ao crime.

Para combatermos a criminalidade infantil, a vadiagem, a mendicidade, etc., não devemos lançar mão da policia, mas sim crear diversas instituições de preservação e de refórma; classificar os menores infelizes e distribuil-os pelas differentes instituições, de accordo com os seus antecedentes, habitos, meio em que nasceram e cresceram, educação recebida, anormalidade, idade, grau e natureza do delicto, etc. A theoria duma unica instituição, onde os menores jazem em completa promiscuidade, deve sêr condemnada.

A theoria da criação de diversas instituições triumphou no Congresso Penitenciario de Stokolmo, onde fomos brilhantemente representados pelo Dr. Padua Fleury.

Nas differentes instituições que precisamos crear, não deve sêr admittido o *systema repressivo*, e sim sempre o *preventivo*, pois, como disse o grande philanthropo D. Bosco, "*o primeiro só poderá impedir desordens, mas não melhorará os abusos, e o segundo, inteiramente baseado na razão, na religião e no amor, exclue todo o castigo violento.*"

Cada pequeno, que é confiado a um educador, "*é um problema a muitas incognitas; não deve o educador consideralo um problema resolvido. A educação é como a hygiene; o hygienista precisa saber distinguir as funcções sãs das alteradas. O educador deve saber como age na alma do menor que lhe foi confiado, individualmente e na sociedade; quaes as causas organicas que pôdem determinar a alteração de seus sentimentos; quaes as externas que pôdem fazer desviar as funcções normaes. Deve conhecer a natureza da alma humana; precisa, ao receber a criança para educar, ter uma noção clara do fim difficil que deve attingir.*" Assim pensa Sergi. Para não haver, portanto, insuccesso nas instituições de preservação e refórma, é mister que sejam ellas entregues a educadores perfeitos. Devemos afastar dellas todas as denominações que possam despertar nas crianças a idéa de que estão encerradas em cadeias.

Não existindo em taes estabelecimentos o *systema repressivo*, nada de denominal-os — escolas disciplinares, correccio-

naes, de regeneração, etc. Demos-lhes os nomes dos nossos grandes homens. Que os menores internados saibam que estão num verdadeiro collegio e nunca numa cadeia ou penitenciaria; que estão se educando e não cumprindo penas.

Nesses diferentes internatos, a educação para sêr completa e attingir o seu nobre e util fim, deve sêr auxiliada por varios factores, como sejam: o trabalho, a educação moral e religiosa, a cultura intellectual, esthetica e physica, regimen disciplinar e liberdade condicional.

O trabalho não deve sêr utilizado só como meio de disciplina e regeneração e sim como fonte tambem de renda e modo de dar aos menores uma profissão futura, honesta e lucrativa. "*Qui ne travaille pas, ne mange pas.*"

E' necessario escrever essa divisa nos porticos das escolas. O trabalho póde sêr agricola, pastoril, profissional, etc. A profissão deve sêr escolhida pelo menos, segundo a vocação, e si a criança não a tem, é preciso saber provocal-a.

A educação moral "é um poderoso factor da formação do character, o supremo regulador de nossas acções, de nossa conducta." Não houve ainda quem contestasse a sua utilidade nas escolas de preservação e refórma.

A educação religiosa, apesar de combatida por Sergi e Lombroso, tem produzido beneficos resultados na Inglaterra, E. Unidos, Allemanha, Italia, Suissa, Belgica, etc. "Não póde haver systema preventivo ou de regeneração, que não seja baseado na religião." Assim falou o grande salesiano — D. Bosco.

A cultura intellectual deve sêr ministrada aos menores, embora pense Lombroso que "instruir o criminoso é aperfeiçoal-o no crime." Deve sêr ministrado nas escolas o ensino de leitura, escrita, arithmetica e lições de coisas.

A cultura esthetica e a physica, contribuem fórtemente para a moral e para a saúde. "*A musica, canto, literatura, etc., ao lado do trabalho assiduo, que cansa o corpo e o espirito, além de darem aos individuos certo gosto esthetico, furtam-n-os ás ensanchas do crime e do vicio. A gymnastica, os jógos ao ar*"

livre, os exercicios militares, etc., promovem o vigor physico, dão saúde e beneficiam o character e as faculdades intellectivas."

REGIMEN DISCIPLINAR. — Entendemos que devem sêr suprimidos os castigos corporaes e as cellulas. "*O açoite é cruel e degradante; a cellula lembra a cadeia, ao pequeno.*"

Ao menor rebelde deve-se applicar, pois, como castigo, o trabalho extraordinario, que dará bom resultado, que exercerá sobre o pequeno, influencia moralisadora, desde que seja sabia e intelligentemente dirigido. Deve sêr estabelecido o systema de recompensa, com estimulo, formando-se um peculio ao menor, com o lucro do seu proprio trabalho, lucro que lhe será entregue por occasião da sahida da escola.

LIBERDADE CONDICIONAL. — O menor, desde que revele optimo comportamento, que seja julgado regenerado, capaz de saber viver no seio da sociedade, possuindo já uma profissão que lhe garanta os meios de subsistencia, pelo seu esforço proprio, poderá obter a sua liberdade condicional, sendo restituído á propria familia ou a uma outra qualquer que a administração da escola julgue conveniente, exercendo esta uma continua fiscalização sobre elle, de modo que o mesmo ignore sêr ainda vigiado e se julgue livre. Só assim poderá o pequeno dar livre expansão aos seus sentimentos, e então a administração do internato poderá certificar-se melhor si elle está ou não ainda regenerado. Eis, num esboço mal delineado, o que pallidamente pensamos que se deve fazer em nosso Estado, para depois espalhar pelo Brasil todo, para conseguirmos arrancar das garras do crime as infelizes crianças que não tiveram a ventura de nascer boas e de crescer entre gente boa.

Preparemos para amanhã uma sociedade sã, culta, um povo forte, um São Paulo maior, um Brasil mais poderoso.

J. V.



PELAS ESCOLAS

NOSSOS PROGRAMMAS DE ENSINO

Um professor fiel cumpridor dos elevados, embora espinhosos deveres de seu cargo; que procure fazer do magisterio um verdadeiro sacerdocio; que se não deixe escravizar pela folhinha e pelo relógio; que compreenda a sua alta e santa missão; que não ignore o papel importantissimo que representa como saneador, regenerador e formador duma sociedade futura, sã e culta; que se lembre enfim, que, em suas mãos a familia, a sociedade e a patria, depositaram tudo quanto de mais bello e de mais sagrado possuíam — toda a sua gloria, todo o seu progresso, toda a sua grandeza, todas as suas esperanças de amanhã — as crianças; um professor que assim pense, deve, no primeiro dia de aula, ao receber sua classe, procurar, antes de começar os trabalhos do anno lectivo, conhecer profunda e conscienciosamente o programma que vae executar, estudando-o muito bem. Não pense nunca o mestre, que, para cumprir com os seus deveres, é bastante receber sua classe, abrir o programma e começar a segui-lo fielmente, de accordo com a ordem numerica dos pontos nelle contidos. Assim fazendo, elle ensinará muito, dará todo o programma que lhe foi confiado, trabalhará bastante e, ao findar o anno lectivo, ha de forçosamente sentir uma desillusão immensa, ao certificar-se, pelo fracasso dos exames finaes, que gastou inutilmente as suas forças, perdeu o seu tempo, sacrificou o seu physico e toda a sua classe.

O bom professor deve, portanto, antes de executar o programma, estudal-o.

Um professor de segundo anno primario, poderá executar o programma de Geographia, pela ordem de seus pontos? Não precisará elle primeiramente estudar o programma dessa materia, para saber o que vae ensinar e o que a classe já deve saber, para comprender bem as suas lições?

Certamente que sim.

Assim, continuando o exemplo, o ponto *c* do programma de Geographia do segundo anno primario, trata de limites, cidades, rios, serras, etc., do Estado de S. Paulo.

Para o mau professor, é muito facil ensinar o referido ponto á classe; em vinte minutos elle o fará!

Será, porém, esse o methodo a seguir? Absolutamente.

Elle precisa, antes de ensinar o ponto do programma, preparar a classe para recebê-lo; deve primeiro ensinar, ou vêr si a classe sabe o que é um estado, uma cidade, um rio, uma serra, uma fronteira, etc., para depois ensinar os limites do Estado, as suas cidades, etc. Não deve ter uma classe de *papagaios* e sim de meninos expertos, vivos, que falem e saibam o que estão falando.

Um bom professor de segundo anno primario deve, portanto, si quizer vêr os seus esforços coroados de bom exito no final do anno, si quizer ter a satisfação intima de se julgar um educador, antes de ensinar o programma de sua classe, ensinar o da classe anterior.

Mas, objectar-nos-ão, essa obrigação é da alçada do professor do primeiro anno. De facto o é; porém, o professor do segundo anno primario, recebe alumnos de diversos primeiros annos, de varios professores, de differentes escolas; logo, é possivel, e certo mesmo, que os seus alumnos não tenham o mesmo adeantamento, a sua classe seja pois heterogenea; é preciso, então, tornal-a homogenea, para depois dar o programma com feliz resultado.

Dahi o dever do bom professor ensinar, ou pelo menos, recordar o programma da classe anterior, para depois ensinar o da sua classe.

O professor que assim proceder, embora não seja recompensado com bens materiaes, deve orgulhar-se de si mesmo, deve sentir a satisfação intima de ter cumprido com o seu alto, nobre e santo dever, lembrando-se que o sacrificio feito pelos paes foi recompensado pelo bem que elle fez aos seus caros filhinhos; que, finalmente, a familia, a sociedade e a patria, muito lhe devem.

FESTAS ESCOLARES

A escola é uma grande officina; os professores — mestres; os alumnos — operarios. Assim como se dá nas fabricas, deve sêr a escola mostrada aos visitantes, no seu funcionamento normal. Nada de festas, adréde preparadas, a não sêr em casos especialissimos. Como poderíamos julgar da importancia dum estabelecimento industrial, si o encontrassemos, quando em visita, enfeitado com gallhardetes e flôres e com seus operarios inactivos e *em trajes domingueiros*? Regressariamos, certamente, trazendo apenas a impressão duma grande e agradável festa; nada, porém, poderíamos dizer sobre o seu bom ou mau funcionamento. Felizmente, nesta grande terra do trabalho, não acontece semelhante coisa em nossas fabricas. Assim tambem deve succeder sempre em nossas escolas. E' inutil, é prejudicial mesmo, a realização de *pomposas solemnidades* celebradas nas escolas, por occasião de visitas.

Sãem as autoridades da Instrucção Publica, desta Capital, para verificarem *de visu* si os seus esforços estão sendo coroados de bom exito, si a sua orientação está sendo bem compreendida, adoptada e seguida, si ha lacunas a preencher, males a sanear, e, ás vezes, mal têm tempo para assistir a festejos em sua honra. Só poderão trazer de sua viagem a impressão das homenagens recebidas. O fim pratico da jornada emprendida foi absorvido por uma festa longa, fastidiosa e prejudicial.

As escolas devem, pois, sêr franqueadas aos visitantes, seja qual fôr a sua categoria, como si fossem ellas um grande estabelecimento fabril. Devem sêr mostradas tal qual funcionam diariamente. Nada de aulas de ante-mão preparadas, de trabalhos bonitos, colleccionados propositalmente e festas de programma longo e massante. Não é sincero, e os professores sabem perfeitamente, que não conseguem assim nada de pratico, de util.

Não resta duvida que as escolas pódem homenagear as visitas, mas sómente depois de terem ellas visto o estabelecimento todo em seu perfeito regular e normal funcionamento,

para que possam fazer uma idéa clara do adeantamento dos alumnos, julgar o valor do director e avaliar o preparo pedagogico dos professores. Em homenagem aos visitantes, em certas occasiões, bastará que, ao findar a visita, se realize uma ligeira sessão civico-musico-literaria, aproveitando-se para este fim os hymnos, poesias, etc., ensinados aos alumnos nas horas de musica, canto, educação civica e linguagem oral. Assim, não se interromperá o regular funcionamento das aulas, em preparativos prévios de festas, e, cumprimentando ás visitas, os alumnos offerecem-lhes o ensejo de aquilatarem do seu adeantamento nas diversas disciplinas supra-mencionadas.

As festas escolares, em se tratando de commemorar uma data nacional, devem sêr realizadas nas vespervas ou mesmo no proprio dia feriado. Entendemos que relembrar ás crianças um facto da nossa historia, no proprio dia em que elle se commemóra, desperta nos pequenos maior e mais vivo entusiasmo pela patria, tornando-se a solemnidade mais brilhante, alegre e attraente. O programma das festividades escolares, deve constar dum trabalho escrito feito pelos alumnos, allusivo ao facto que se memóra; duma palestra muito ligeira, clara, em linguagem simples, ao alcance das crianças, feita pelo professor; de hymnos e poesias pelos alumnos.

O encerramento de todas as festas deve sêr com o hymno nacional, cantado pelas crianças.

E' indispensavel a presença da bandeira brasileira em todos os actos festivos das escolas.

Os festejos escolares foram feitos para os alumnos e por todos elles devem sêr realizados.

E' um erro aproveitar o professor, para as festas, só os alumnos desembaraçados; estes não devem sêr excluidos mas precisamos desenvolver os acanhados. E' de grande vantagem serem as festas das escolas franqueadas aos paes dos alumnos e autoridades locaes. Assim, as crianças irão conhecendo o publico, recebendo os seus applausos e as suas criticas. As poesias e hymnos confiados á classe devem sêr simples, préviamente interpretados pelo professor que lhe ensinará o sentido geral, significado das palavras desconhecidas, pontua-

ção, gesticulação, etc. Os gestos devem sêr naturalmente empregados. E' um mal confiar ás crianças discursos longos, feitos por outrem. Longe das festas escolares as apothéoses, os trajes a character, a pintura do rosto, as cançonetas e bailados mundanos, etc., que nivelam a escola ao theatro, desvirtuando-lhe o character escolar e civico. E' prejudicial; não educa.

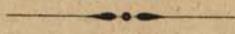
Os programmas devem sêr cuidadosamente confeccionados com poucos e escolhidos numeros, não devendo as festas exceder de uma hora. Assim, a todos ellas agradarão, e os professores e alumnos não ficarão privados do descanso dos feriados, quando se celebrar no proprio dia uma data nacional.

Não deve o professor preparar uma festa semanas antes — interrompendo assim o regular funcionamento das aulas, prejudicando ás crianças e ao ensino.

Como já dissemos, para a confecção dos programmas, devem sêr aproveitados os exercicios de gymnastica, os hymnos, as poesias, etc., já ensinados no decorrer dos trabalhos escolares. Para isso temos no horario tempo designado ao ensino de gymnastica, jógos, canto, musica, educação civica, linguagem oral e ensaio geral. Desse modo, o professor não deixará de cumprir com os seus deveres regulamentares e as festas escolares, tornar-se-ão educativas e nunca prejudicarão nem ás crianças nem ao ensino.

Eis, em poucas linhas, o que a pratica e os ensinamentos de cultos educadores nos ditaram.

J. V.



NOTÍCIAS

GRUPO ESCOLAR DE S. JOÃO

Por motivo de demolição do prédio em que funcionava, foi extinto esse estabelecimento de ensino, que tão bons serviços tem prestado á instrução publica paulista.

O director, os professores e demais funcionarios do referido instituto, serão aproveitados em identicos estabelecimentos desta Capital.

CIDADES MAIS POPULOSAS DE S. PAULO

Segundo a mais recente estatistica demographo-sanitaria, são sete as cidades mais populosas de S. Paulo, a saber: Capital, 741.326 habitantes; Campinas, 120.757; Santos, 105.281; Ribeirão Preto, 71.663; S. Carlos, 56.764; Guaratingetá, 49.704; Botucatu, 35.305.

NOVOS GRUPOS-ESCOLARES

O governo do Estado, sempre solícito em aperfeiçoar e incrementar o ensino, entre nós, acaba de crear mais dezeseis grupos-escolares, sendo doze na Capital, tres em S. Bernardo e um em Sorocaba.

Os doze da Capital ficam localizados nos bairros seguintes:

- 1 — Cambucy.
- 2 — Jardim America.
- 3 — Butantan.
- 4 — Braz.
- 5 — Lapa.
- 6 — Villa-Guilherme.
- 7 — Chora-menino.

- 8 — Tucuruvy.
- 9 — Casa - Verde.
- 10 — Villa-Carrão.
- 11 — Villa-Gomes-Cardim.
- 12 — Osasco.

Os tres de S. Bernardo são assim distribuidos:

- 1 — S. Bernardo.
- 2 — Ribeirão-Pires.
- 3 — Paranapiacaba.

Finalmente, o de Sorocaba:

- 1 — Votorantim.

Para o cargo de directores desses novos estabelecimentos escolares foram nomeados, respectivamente, os seguintes professores:

João Pereira, Antonio Francisco Redondo, Olivio Gomes, Luiz Gonzaga de Carvalho Castro, Juvenal de Campos, Elyseu de Siqueira Penteado, Serafim de Oliveira Junior, Antonio Augusto Bittencourt, Pedro Arbues Sapucaia, Pericles Pitaguary de Miranda, Alonso de Locio e Seilbiz, Romeu Moraes, Benedicto Ferreira da Costa, João Ayres, Romulo Peres e Armando Riso.

VULTOS E FACTOS

Sob o titulo acima, opportunamente a *Revista* iniciará uma nova secção, na qual tratará de brasileiros illustres nas artes, letras, sciencias, invenções, etc. Tanto quanto possivel, os assumptos serão illustrados.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

Será esta uma outra nova secção da *Revista*, na qual virão musicas, hymnos, cantos, etc., apropriados aos alumnos das nossas escolas.

Tanto para esta secção, como para a de — *Vultos e factos* — solicitamos a valiosa colaboração do Professorado, bem como a de todos quantos se interessem pelo ensino.





SECRETARIA DO INTERIOR

ACTOS DIVERSOS

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, attendendo ao que lhe representou o Sr. Director Geral da Instrução Publica e tendo em vista a conveniencia de systematizar a accção administrativa nas escolas-reunidas do Estado, resolve adoptar o seguinte criterio para a organização e direcção das mesmas:

- a) não haverá escolas-reunidas de menos de 3 classes;
- b) nas que tiverem 3 a 4 classes, um dos professores accumulará a direcção, com a gratificação de 50\$000 mensaes;
- c) nas que tiverem 5, 6 ou 7 classes e funcionarem em dois periodos, um dos professores accumulará a direcção, com a gratificação de 100\$000 mensaes;
- d) as que tiverem 5, 6 ou 7 classes e funcionarem num só periodo, terão director com os vencimentos actualmente estabelecidos;
- e) desde que as escolas tenham 8 ou mais classes, serão transformadas em grupos-escolares com a organização privativa destes.

Secretaria dos Negocios do Interior, em 12 de novembro de 1924. (a) *José Manoel Lobo.*

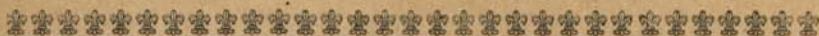
GRUPOS ESCOLARES CREADOS POR DECRETO DE 15 DE JANEIRO DO CORRENTE ANNO:

- 3.º Grupo Escolar do Braz.
- 2.º Grupo Escolar do Cambucy.
- 2.º Grupo Escolar da Lapa.
- Grupo Escolar do Jardim America.
- Grupo Escolar do Butantan.
- Grupo Escolar de Villa-Guilherme.
- Grupo Escolar de Chora-Menino.
- Grupo Escolar de Tucuruvy.

- Grupo Escolar de Casa-Verde.
- Grupo Escolar de Villa-Carrão.
- Grupo Escolar de Villa-Gomes-Cardim.
- Grupo Escolar de Osasco.
- Grupo Escolar de São Bernardo.
- Grupo Escolar de Ribeirão Pires, em São Bernardo.
- Grupo Escolar de Paranapiacaba, em São Bernardo.

GRUPOS ESCOLARES CREADOS POR DECRETO DE
22 DE JANEIRO DO CORRENTE ANNO:

- Grupo Escolar de Votorantim, em Sorocaba.
 - Grupo Escolar de Santa Rosalia, em Sorocaba.
 - Grupo Escolar de Guanabara, em Campinas.
 - 5.º Grupo Escolar de Campinas.
 - 6.º Grupo Escolar de Campinas.
 - Grupo Escolar de Vallinhos, em Campinas.
 - Grupo Escolar de Villa Americana.
 - Grupo Escolar de Cordeiros, em Limeira.
 - Grupo Escolar de Corumbatahy, em Rio Claro.
 - Grupo Escolar de Bairro Alto, em Piracicaba.
 - Grupo Escolar de Bernardino de Campos.
 - Grupo Escolar de Rincão, em Araraquara.
 - Grupo Escolar de Pindorama, em Santa Adelia.
 - 2.º Grupo Escolar de Catanduva.
 - Grupo Escolar de Ibirá.
 - Grupo Escolar de Ignacio Uchôa, em Rio-Preto.
 - Grupo Escolar de Mineiros.
 - Grupo Escolar de Ourinhos.
 - Grupo Escolar de Itajoby.
 - Grupo Escolar de Viradouro.
 - Grupo Escolar de Piratininga.
 - Grupo Escolar de Araçatuba.
 - Grupo Escolar de Biriguy.
 - Grupo Escolar de Presidente Prudente.
 - Grupo Escolar de Ariranha.
 - Grupo Escolar de Pontal, em Sertãozinho.
-



INDICE

	PAG.
A "REVISTA ESCOLAR"	1
LIÇÕES PRATICAS:	
Uma aula de leitura	3
Arithmetica	6
Zoologia	10
O systema-metrico	15
Geographia	18
Educação civica	22
Geometria	24
Linguagem escrita	27
Botanica	30
Historia-Patria	34
Geographia	37
PEDOLOGIA:	
Êstudo experimental da criança	41
A imaginação e suas variedades na criança	43
Evolução psychica da criança	46
LIÇÕES DE COISAS:	
Palmeiras	49
A borracha	51
Os olhos	53
O cão	54
A canna de assucar	56
O asseio e o vestuario	57
O carneiro	59
O milho	60
O café	63
O feijão	65
A banana	67
METHODOLOGIA:	
Processo educativo	70
A interrogação na escola primaria	72
LITTERATURA INFANTIL:	
Decisão inesperada	75
O éco	75
Tentação	76
Heroismo dum criado	77
As rosas de Mimi	79
A volta das andorinhas	80
O cavallo	81
A bolsa	82
O pretencioso	82
Marco Polo	83
Os bohemios	85

ESCOTISMO:	
O escotismo nas escolas	86
QUESTÕES GERAES:	
Educação moral e civica	89
Palestras sobre ensino	93
Escolas disciplinares	97
PELAS ESCOLAS:	
Nossos programmas de ensino	102
Festas escolares	104
NOTICIAS:	
Grupo-escolar de S. João	107
Cidades mais populosas de S. Paulo.	107
Novos grupos-escolares	107
Vultos e factos	108
Musicas e cantos escolares	109
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos.	110



— C —
S. PAULO
TYPOGRAPHIA SIQUEIRA
RUA LIBERO BADARÓ, 48
1925
— C —

